

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CMG (FN) ROBERTO MEDEIROS QUINTELLA

A INTERFACE DA OPINIÃO PÚBLICA COM AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO  
INÍCIO DO SÉCULO XXI

Rio de Janeiro

2015

CMG (FN) ROBERTO MEDEIROS QUINTELLA

A INTERFACE DA OPINIÃO PÚBLICA COM AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO  
INÍCIO DO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à Escola de Guerra  
Naval, como requisito parcial para a conclusão  
do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CMG (RM-1) Cláudio Muniz Jobim

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2015

Aos amigos alunos do CPEM-2015, em especial aos CMG ANDRE, CMG GIUCEMAR e o Eng. SEGAL; aos meus familiares e amigos em geral; e ao meu orientador CMG (RM1) JOBIM, pelo indispensável incentivo à realização deste trabalho e a confiança em mim depositada.

**“Quem quer que se dedique à tarefa de legislar para um povo deve saber como manejar as paixões dos homens.”**

**Jean Jacques Rousseau**

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi apresentar a maneira como a opinião pública foi construída ao longo dos anos e sua influência nos processos políticos, estabelecendo uma correlação com o pensamento pós-moderno que vigora no início do século XXI. Nesse sentido, os avanços tecnológicos foram propulsores desse envolvimento político e os vários tipos de mídia propiciaram o aprofundamento do papel do cidadão no seio de uma sociedade, moderna e burguesa, em que o capital esteve presente nas diversas transformações sociais. Com efeito, dessas variações e envolvimento da opinião pública, foram analisadas as possibilidades de emprego das operações psicológicas no nível político, espaço em que são construídas as estruturas do pensamento. Por fim, ao analisar a forma como atuam alguns *Think Tanks* nos EUA, grupos e instituições responsáveis pelo estudo, pesquisa e produção de conhecimentos, foi possível concluir que nenhuma sociedade pode prescindir do poder de crítica e discernimento, à custa de não compreender a construção das agendas mundiais, as quais continuam sendo ditadas pelas forças mais influentes do globo.

Palavras-chaves: Opinião Pública, soberania, Tecnologia, *Think Tanks*, Operações Psicológicas, Século XXI

## ABSTRACT

The objective of this study was to show how public opinion has been built over the years and its influence in the various moments in which society has undergone political changes, which shall relate to the postmodern thought in force at the beginning of XXI century. In this sense, technological advances were drivers of this political involvement and the various media type led to the deepening of the citizen's role within a society, modern, bourgeois, where the capital was present in the various social transformations. Indeed, these variations and involvement of public opinion, were analyzed employment opportunities Psychological Operations at the political level space where are built the structures of thought. Finally, to analyze how work some Think Tanks in the United States, groups and institutions responsible for the study, research and production of knowledge, it was concluded that no society can do without the power of criticism and judgment at the expense of not understanding the construction of global agendas, which continue to be dictated by the most influential forces of the globe.

Keywords: Public opinion, Tecnology, *Think Tanks*, Psychological Operations, Century XXI.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ANTECEDENTES HISTÓRICOS</b> .....	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>O contexto do século XVIII</b> .....	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>COMO PENSAR NO SÉCULO XXI</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>Dialética Pós-Moderna</b> .....	<b>29</b>
<b>3.2</b>	<b>A era informacional e o século XXI</b> .....	<b>35</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Império da tecnologia</b> .....	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>OS <i>THINK TANKS</i></b> .....	<b>43</b>
<b>4.1</b>	<b>Agenda Mundial</b> .....	<b>45</b>
<b>4.1.1</b>	<b>O papel dos <i>Think Tanks</i></b> .....	<b>47</b>
<b>4.1.1.1</b>	<b>Globalização</b> .....	<b>49</b>
<b>4.1.1.2</b>	<b>Ambientalismo</b> .....	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS</b> .....	<b>55</b>
<b>5.1</b>	<b>Operações Psicológicas ao longo do tempo</b> .....	<b>55</b>
<b>5.2</b>	<b>Conceitos</b> .....	<b>57</b>
<b>5.3</b>	<b>Perfil dos conflitos no século XXI</b> .....	<b>59</b>
<b>5.4</b>	<b>Guerra de quinta geração</b> .....	<b>63</b>
<b>5.5</b>	<b>Análise da estrutura de Operações Psicológicas do Brasil</b> .....	<b>65</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>73</b>
	<b>ANEXO A Mídia nos EUA: apenas 6 corporações controlam a informação</b> .....	<b>78</b>
	<b>ANEXO B Relatório do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas</b> .....	<b>92</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

A ideia de analisar a construção do papel da opinião pública e sua inserção no contexto das Operações Psicológicas tem como propósito mais amplo, compreender como a concepção de opinião pública em um mundo tecnologicamente avançado, interage com as Operações Psicológicas no Nível Político de decisão.

As Operações Psicológicas orbitam em um espaço que permite a associação de fundamentos que norteiam as atividades militares, com um anseio tipicamente humano, qual seja, se sentir parte de um todo, interagindo com as decisões em um mundo contemporâneo cada vez mais sensível à atitudes e comportamentos.

Nota-se que existe uma variável que não é exclusiva da atividade militar. Contudo, nem por isso se torna irrelevante para o estudo, ao contrário, a opinião pública ao longo da história vem se mostrando o corolário de grandes conflitos, o que suscitou cada vez mais conhecimento e técnica no seu trato, em favor das atividades militares.

Por sua vez as Operações Psicológicas, fruto da importância que adquiriram nas decisões em todos os níveis de decisão e de condução da guerra e nas dimensões dos conflitos, foram sendo aprimoradas, detalhadas e adaptadas aos novos paradigmas.

O fenômeno da guerra e suas nuances no campo de batalha são temas recorrentes nos estudos acadêmicos. Em tempos hodiernos, em que as sociedades desfrutam da era tecnológica, com informações e ações além dos espaços cibernéticos, a percepção e o entendimento da finalidade das Operações Psicológicas, revestem-se de significativa importância.

O Nível Político de decisão tem papel de destaque e surge como um grande desafio para o trabalho, particularmente por não possuir muitas referências bibliográficas.



Valendo-se dos ensinamentos da escola de Frankfurt<sup>1</sup> torna-se possível questionar como se estabelecem as relações que vão ensejar a formação de uma opinião e, por conseguinte, a disseminação e a publicidade desse entendimento. Pensadores como Adorno, críticos do movimento iluminista que influenciou significativamente a formação do pensamento desde o século XVIII, até os séculos subsequentes, questionam se o que temos como formação de pensamento e formulação de opinião é realmente um ideário racional, autônomo e pessoal, ou um pseudoesclarecimento que não nos permite ultrapassar a barreira do superficial e da ilusória ideia do que pensamos e expressamos. Para Adorno, a opinião não passa de uma mera replicação de um conceito que passa ao largo da nossa consciência (ADORNO; HOKHEIMER, 1985).

Como um dos focos do estudo, portanto, um dos problemas propostos, pretende-se analisar a validade da tese: seria a opinião pública uma mera construção teórica ou na verdade a repetição de um conceito construído com a finalidade de se atingir um propósito? Existiria realmente uma opinião pública na dimensão como o senso comum costuma mencionar?

Nesse sentido, pretende-se compreender a construção das agendas mundiais no início do século XXI. Como são introduzidas e passam a fazer parte das discussões em diversas partes do mundo, analisando sobre a ótica dos denominados “*Think Tanks*”<sup>2</sup>.

Na Doutrina Básica da Marinha, percebe-se uma lacuna referente ao tema, o que estimula a realização do trabalho como uma base teórica de discussão para o início do desenvolvimento de uma doutrina própria, não obstante a orientação emanada do Ministério da Defesa. Assim, delimita-se um novo problema proposto, qual seja, analisar à luz das

---

<sup>1</sup> A Escola de Frankfurt, na verdade Instituto para a Pesquisa Social, tem seu início na década de 20, do século XX. Reuniu pensadores como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, os quais eram fortemente influenciados por filósofos clássicos como Platão, Kant, Hegel e Schopenhauer.

<sup>2</sup> Dentre as diversas conceituações, este autor escolheu a definida pela United Nations Development Program (2003) citada por Teixeira (2007): atores da sociedade civil, [...] organizações comprometidas, de modo regular, com pesquisa e “advocacy” sobre qualquer questão ligada às políticas públicas. São pontes entre o conhecimento e o poder nas democracias modernas.

doutrinas e teorias selecionadas, que abordam o assunto, se é válida a elaboração de um conceito que seja aplicável à Marinha do Brasil ou se a doutrina deva emanar do Ministério da Defesa.

São variados os conceitos sobre as Operações Psicológicas, entretanto, é lícito considerar que, apesar de todos os níveis estarem inter-relacionados, nos Níveis Estratégico, Operacional e Tático de decisão, a ideia central é de que as ações a serem empreendidas em uma campanha militar tenham como propósito a obtenção de influência direta ou indireta na conduta da guerra, norteadas todas as etapas do planejamento. No Nível Político percebe-se uma nuance, trazendo-se o foco para a construção da ideia, ou seja, a modelagem ocorre no nascedouro cognitivo. Surge assim, um outro problema proposto: analisar como se dá a formação da opinião pública no seu espectro mais amplo e como a relacionar com as operações militares e em especial as Operações Psicológicas.

Essa capacidade foi descrita por pensadores da guerra como SunTzu e Mao Tse Tung, entre outros, com a expressão “conquistar corações e mentes”. No Nível Político, traduz-se e impacta nas pautas das agendas globais<sup>3</sup> de um mundo cada vez mais interligado, vulnerável e intolerante, fazendo-se necessário compreender não só o ambiente em que as relações se estabelecem bem como a forma de pensar de uma sociedade multicultural e menos modulada por limites territoriais.

Ao passo que as sociedades vêm se modificando fruto das introduções de novas tecnologias que permitem transformar diferenças em ameaças e oportunidades simultaneamente, o mundo adquiriu uma lógica de pensamento que precisa ser analisada criteriosamente.

---

<sup>3</sup> Agenda global é um conceito metafórico empregado pelo autor para definir as pautas das agendas definidas em foros como ONU, reuniões de blocos econômicos regionais ou globais.

A proposta de utilizar-se o fundamento teórico da obra de Zygmunt Bauman é o reflexo da credibilidade adquirida por esse sociólogo polonês no cenário internacional, como uma das mais interessantes abordagens do tema. Com suas obras, *Em busca da política* (2000a), *Globalização* (2000b) e *Modernidade Líquida* (2001), Bauman nos ajuda a entender como pensa esse ser humano pós-moderno que desembarca no século XXI com suas contradições e conflitos, fruto de uma sociedade que tenta passar a limpo sua história. Parece ser necessário e fundamental a compreensão de como se estrutura essa nova maneira de pensar e agir das sociedades, a fim de que se obtenha a melhor abordagem para a aplicação dos conceitos de Operações Psicológicas.

Também nos parece consensual que a passagem da era digital para a sua evolução cibernética é inexorável, como fator de transformação das sociedades que migram em poucos séculos de uma estrutura rudimentar e independente para um cenário altamente interativo, dotado de capacidades ainda inimagináveis de ações, reduzindo distâncias e criando e ampliado novos limites, além das fronteiras territoriais, como os observados desde Westfália. Surge assim mais um problema proposto para o estudo: analisar de que forma as tecnologias existentes no século XXI influenciam na maneira de se pensar o emprego das Operações Psicológicas.

O tema, por ser amplo, será delimitado metodologicamente em campos de abordagem, que se constituirão nos eixos estruturantes do trabalho, quais sejam: a construção da opinião pública a partir do século XVIII e sua dimensão no século XXI; o arcabouço teórico e doutrinário das Operações Psicológicas; a dinâmica da influência de pessoas no contexto das Operações Psicológicas; e o diferencial tecnológico como ambiência revolucionária, impactando na forma de condução das Operações. Pretende-se assim conduzir à compreensão das inter-relações existentes entre a concepção de opinião pública e sua interface com as Operações Psicológicas no início do século XXI.

Especificamente serão analisados os mais influentes *Think Tanks*, grupos produtores de conhecimentos nos Estados Unidos da América cujos trabalhos são amplamente empregados em processos de tomadas de decisão internos e externos àquele Estado.

Serão selecionados para análise dois temas presentes no cotidiano e que são alvos das ações de *Think Tanks* como: globalização e ambientalismo. Tal análise será fundamentada a partir da trilogia proposta pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman que sinaliza para uma forma de compreender a sociedade do século XXI, como seus valores são concebidos, e como os indivíduos se posicionam diante das transformações, guardadas obviamente as particularidades culturais.

Ao abordar as novas tecnologias o presente estudo não pretende limitar-se aos novos equipamentos ou sistemas, estendendo às formas de organização em rede dos novos atores, governamentais ou privados; as alterações decorrentes da Revolução da Informação e a perspectiva de adoção de um novo modelo de guerra pautada em tecnologia, ainda que estruturalmente mais simples.

Isso posto será possível compreender no contexto das Operações Psicológicas, como são planejadas e conduzidas, a fim de que sejam atingidos os propósitos de conquista de coração e mentes, proporcionando assim subsídios para entendimento das ações políticas perpetradas pelos atores envolvidos.

Para tal, a monografia está organizada em seis capítulos que abordarão, respectivamente: No Capítulo 1 – Introdução, Capítulo 2 – Antecedentes Históricos da construção da opinião pública; marco teórico e elementos-chave para o entendimento com bases na Teoria de Foucault, Habermas, Adorno e Horkheimer; Negri e Hardt; todos autores que, mesmo vivendo em épocas distintas, possuíam entendimentos alinhados sobre o tema proposto neste trabalho, construindo-se assim o arcabouço teórico da pesquisa. Capítulo 3 - Como pensar no século XXI. A era informacional e o século XXI. Serão apresentados neste

Capítulo os requisitos essenciais da teoria de Castells, e de Bauman, onde serão analisadas as formas com que as civilizações modernas vivenciaram as transformações do século XXI; Capítulo 4- o papel dos *Think Tanks*; Capítulo 5 - Fundamentos das Operações Psicológicas e suas aplicações. Serão apresentadas algumas definições de Operações Psicológicas; estruturando os conceitos descritos nos capítulos anteriores, estabelecendo as suas interligações com essas operações e uma análise da sua organização no Brasil e na Marinha do Brasil; no Capítulo 6 – Conclusão.

## 2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Antes de focar no século XVIII como marco temporal para a análise da construção da opinião pública, faz-se necessário abordar antecedentes marcantes que delimitaram o avanço nos períodos subsequentes.

Considerado como o marco das relações diplomáticas modernas e o nascedouro do Estado Nação, o conjunto de ações políticas ocorridas na Europa Ocidental, que culminaram e ficaram conhecidas como a Paz de Westfália (1648), contribuíram significativamente para a construção do conceito de opinião pública objeto de estudo presente nas obras de autores como Foucault, Habermas e Hardt&Negri.

Digno de nota a contribuição do jurista holandês Hugo Grotius (1583-1645) que sem participar diretamente dos acordos de Westfália, contribuiu de forma indireta com sua obra e seus entendimentos acerca das normas jurídicas que vieram a influenciar os debates sobre o livre arbítrio, conceito que se opunha a lógica protestante do Calvinismo que defendia a predestinação. Essa quebra paradigmática contribuiu para a formação, a posteriori, do que se convencionou chamar opinião pública.

Enquanto em Hobbes (1588-1679) nada existia em comum entre os soberanos, apenas a desconfiança, Grotius acreditava que os soberanos compartilhavam uma sociedade de valores, em virtude de necessitarem compartilhar as leis da natureza. Aí se fundamentavam as necessidades de cultivar a justiça como princípio geral, e observar as regras definidas e aceitas.

De certo a defesa do direito equilibrado entre o que é divino e o que é humano, presente nas proposições de Grotius, contribuiu para alavancar a construção de uma opinião pública nos moldes do que se viu nos séculos subsequentes e que será abordado no desenvolvimento da síntese deste estudo.

A mudança de um estado absolutista, pautado na teoria do Direito Divino, para o Estado-Nação nos moldes de Westfália, abre um novo horizonte de conquistas, e coloca as relações de poder sob constante questionamento. O processo de reorganização de forças traz à tona a necessidade de um novo projeto de poder, sob a égide de uma ciência de governança, no qual valores como soberania e seu pleno exercício deixam de ser exclusividade dos monarcas e entram nas agendas de reivindicações populares. (PECEQUILO, 2003, p.45)

Percebe-se assim, como destaca Hardt e Negri (2006) o início de um forçado movimento de migração de um Estado personalista, pautado no monarca, para uma nova organização pública do Estado Burguês de Direito, que possui em sua jurisdição um território e uma população.

Como lembra Foucault (1979) entre os séculos XVI e XVII o cerne das discussões sobre soberania estava na crença de que o poder era transcendente e ligado ao soberano por designação divina. Hardt e Negri (2006) descrevem que o território, parte integrante da estrutura de poder, era uma extensão física corporal do monarca. Emerge a noção de soberania, não mais ligada aos desejos de um soberano, e sim aos princípios que norteiam as condições de existência e reprodução do Estado, cuja essência está nas leis.

Com o movimento iluminista e seus ideais, surge a temática de uma soberania coletiva<sup>4</sup>. Fruto da ascensão da burguesia e o processo de urbanização das cidades, uma nova praxe se desenvolve, emprestando importante significado na construção do Estado, sob a ótica de que os indivíduos são avaliados no sentido coletivo.

A esfera pública burguesa surgiu historicamente no contexto de uma sociedade separada do Estado: o "social" podia constituir-se numa esfera própria à medida que

---

<sup>4</sup> Conforme descreveu Habermas (1974, p. 19), a distinção entre público e privado é um fenômeno pós Idade Média. "Na sociedade feudal da alta Idade Média, a esfera pública como um setor próprio, separada de uma esfera privada, não pode ser comprovada sociologicamente, ou seja, usando de critérios institucionais". Isso se deve ao fato de que "o particular (*Sundere*) é a liberação do próprio cerne do domínio fundiário e, com isso, simultaneamente, da 'esfera pública'".

a reprodução da vida assumia, por um lado, formas privadas, mas, por outro, como setor privado em seu conjunto, passou a ter relevância pública. (HABERMAS, 1984, p.152).

Nesse balanço entre o interesse coletivo e os interesses do Estado, é a componente econômica que, em decorrência das práticas mercantilistas e pela necessidade de uma esfera de autonomia privada, motiva a emergente Burguesia contra a elite política. O equilíbrio de poder dentro do Estado sofre reveses e o homem privado<sup>5</sup> passa a ser inserido no centro do debate sobre a soberania.

A reboque, o conceito de Nação emoldura os posicionamentos, posto que o indivíduo passa a ser responsável pela produção da riqueza dos Estados, dentro dos seus territórios.

Nação era, portanto, a um tempo a hipótese da “vontade geral” rousseauiana, e o que a ideologia industrial concebia como a “comunidade de necessidades”, que no longo período de acumulação na Europa foi mais ou menos liberal e sempre burguesa” (HARDT; NEGRI, 2005, p.114).

Percebe-se a nuance conceitual de soberania que agora está impregnada de um nacionalismo moderno que resultará de uma maior dinâmica social e participação do indivíduo nas decisões políticas.

Dinâmica social implicava convivência com conflitos das mais variadas ordens. A mediação recaia sobre as instituições, crescendo de importância as normas legais, assim como os pactos entre as classes sociais. Assim considerando, fazia-se necessária a criação na esfera pública<sup>6</sup>, de um espaço destinado à manifestação dos diversos interesses.

Do embate político de uma burguesia buscando espaço para manifestar suas ideologias e uma monarquia decadente, surge a opinião pública como contraponto. O

---

<sup>5</sup> Afirma Magnoli (2012), “o Cardeal Richelieu figura como pioneiro da distinção entre a esfera privada, na qual se moviam as convicções religiosas, e a esfera pública, que é da razão do Estado”.

<sup>6</sup> Por esfera pública entenda-se a arena em que se mesclam interesses comuns e de classes, “comuns” quanto à lógica da Nação, da identidade nacional, do Estado nacional, e “de classes” no que tange a interesses sociais immanentemente distintos, embora possam, em determinadas conjunturas e dependendo dos arranjos políticos, se assemelharem (HABERMAS, 1974, p.23).



sentimento que pairava era de que o povo, agora com visibilidade, teria papel fundamental nas tomadas de rumo da vida política dos recém-criados Estados Nacionais. A Burguesia, em nome de uma “autonomia privada”, encampa alguns anseios populares surgidos das discussões entre os cidadãos, e adota a temática como bandeira de campanha na luta política.

Corroborar a tese da importância que as comunicações e, em particular, a opinião pública, desperta em quaisquer ações de mando e governo, seguem-se exemplos de momentos históricos e culturais que, apesar de diametralmente distintos, possuem no seu âmago o mesmo caráter universalista da comunicação. Ainda que em uma cultura oriental, com peculiaridades inquestionáveis.

No século XV, o rei coreano Htai-Tjong investiu pesadamente na ideia e promulgou um decreto cujo texto é uma homenagem à informação: “Para governar, é preciso propagar o conhecimento das leis e dos livros de modo a satisfazer a razão e **endireitar o coração dos homens** (grifo nosso). Quero que se fabriquem caracteres de cobre que sirvam para a impressão, a fim de ampliar a difusão de livros: será uma vantagem sem limites” (TOSSERI, 2002)<sup>7</sup>.

O rei Tjong talvez não soubesse na época o quanto estava certo. Se trazida para os dias atuais, e comparada com as concepções da Guerra moderna, pode-se perceber que, guardadas as devidas proporções, a preocupação de quem é responsável pela condução de ações no concernente ao Nível Político<sup>8</sup>, refere-se à construção mental da ideia. Ou seja, o que se objetiva é influenciar a construção do pensamento racional no seu nascedouro. No exemplo supracitado, é relevante a percepção das variáveis culturais intervenientes, num espectro mais amplo de dominação, sem as quais, a comunicação pode se transformar rapidamente de aliada a inimiga.

Debruçando-se em um momento histórico mais antigo, tem-se que

A imprensa foi determinante em várias revoluções silenciosas na China. Do ponto de vista étnico-religioso, na revalorização do confucionismo e no aparecimento do Neo-confucionismo (equivalente ao protestantismo na Europa) e, do ponto de vista

---

<sup>7</sup> [http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg\\_nao\\_inventou\\_a\\_imprensa.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg_nao_inventou_a_imprensa.html). Acesso em 29/08/15.

<sup>8</sup> Conforme define a Doutrina Básica da Marinha os níveis de decisão são: o Nível Político, ao qual todos os demais estão submetidos, o Nível Estratégico, o Nível Operacional e o Nível Tático.

político, foi essencial para o sistema do mandarinato. Sem a existência de livros baratos, numerosos e fidedignos para os milhares de candidatos, que todos os anos estudavam o cânone confucionista, não teria sido possível o sistema de Exames Imperiais, que foi responsável, durante séculos, pelo recrutamento dos funcionários na China. (SHAFFER Apud AMARAL, 2002)<sup>9</sup>

Outra abordagem aponta para uma vertente intervencionista. Amaral (2002) apresenta a perspectiva do professor de Literatura comparada da China, na Universidade de Chicago, Haum Saussy, destacando que o contexto em que se desenvolveu a xilografia no oriente, em virtude da extrema simplicidade, baixo custo, acessibilidade e eficiência, despertava o medo nos Mandarins que temiam pela dimensão potencial da ferramenta, fugindo da sua plataforma de controle.

Com efeito, é lícito supor que esse argumento permaneça vigente até os dias atuais, considerando-se as limitações impostas à população chinesa, no tocante ao acesso à internet.

A despeito da controvérsia existente sobre quem foi o inventor da imprensa<sup>10</sup>, se Gutemberg na Alemanha ou os povos asiáticos, o mais relevante para o tema é que a imprensa por si só não seria capaz de fomentar as transformações. Significativamente foram os embates políticos travados a partir de meados do século XVIII, por uma burguesia em ascensão e uma monarquia que já não se sustentava, particularmente na França, que abriu a possibilidade de uma maior participação popular, destarte, tecnicamente os meios estarem disponíveis desde o final do século XV.

Os anos vividos entre o final do século XV e meados do século XVIII foram marcados pelo rigoroso controle dos monarcas e, somente com a formação do Estado Burguês

---

<sup>9</sup><https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11909/1/1000%20anos%20antes%20de%20Gutemberg.pdf>. Acesso em 11/08/15.

<sup>10</sup> A atribuição da criação da imprensa a Gutemberg, no século XV, é um reducionismo europeu que despreza os experimentos ocorridos na Ásia, mil anos antes. A imprensa, ao contrário da prensa e do xilógrafo, não é uma ferramenta mecânica e sim um conjunto de ações e instrumentos como: a invenção do papel, dos blocos de impressão e dos tipos móveis, ocorridas na China milhares de anos antes de Gutemberg (AMARAL, 2002).

de Direito, a imprensa se libertou dessas amarras. As cidades criam um novo locus de comunicação.

A ordem realista e burguesa que começa a instaurar-se no século XV, inscreve-se em uma civilização material possuidora de dois pontos de apoio privilegiados: um intelectual: a redescoberta da civilização romana [...] e outro geográfico e espacial, o desenvolvimento das cidades como locais em que se elaborava a renovação do ocidente. [...] o ponto decisivo da arquitetura das cidades, constitui por sua organização em torno de uma ágora, de uma praça central como ponto de passagem obrigatório, como cruzamento dos fluxos de circulação urbana e local de sociabilidade privilegiada. (BRETON; PROULX, 2006, p. 45).

A formação das cidades potencializa aspectos fundamentais para as Operações Psicológicas, dentre os quais, a concentração de pessoas, que pode ser empregada com instrumento de multiplicação das ideias, difundidas dentro de um planejamento direcionado para a obtenção de um fim.

Fica evidente que o efetivo controle da informação, do acesso ao conhecimento e a produção do pensamento foram fundamentais para se alcançar os objetivos políticos do Estado Absolutista, no período entre os séculos XVI e XVIII. Dada a magnitude da dominação e o longo período em que se manteve, ficam corroborados os argumentos de estreita relação entre poder e informação. Assim como há obviedade na análise de que a migração do controle desta ferramenta de comunicação foi o estopim para a consolidação dos ideais burgueses da época, os quais representavam uma nova forma de aplicar o poder sob uma ótica diferente de governo e de controle das “massas”, decorrentes das aglomerações urbanas originadas a partir do desenvolvimento dos burgos.

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 1978, p.143-144).

Enfim, “governamentalização” é uma tentativa de reescrever a história sob uma nova perspectiva, onde a retomada da esfera pública sobre a privada, fundamenta-se em princípios comuns e não mais em déspotas, sendo agora participativa e conjugada. Interesses privados passam a ser vistos em um contexto global, ou seja, como definiu Foucault: “o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco ‘governamentalizado’ ”.

Nessa esteira, evidencia-se a noção de que a nação possui objetivos coletivos e que esses nascem das vontades individuais. Esse foi o palco da “esfera pública politicamente ativa”, como definiu Thompson (1995, p.68). Para os iluministas a limitação da publicidade era o causador da crença em mitos e da “desrazão”. A obra de Habermas, “Mudança estrutural da esfera Pública” (1984), delimita claramente um papel para os meios de comunicação, numa visão Kantiana do “uso público da razão”, em que se aplica como ferramenta potencialmente revolucionária.

A partir dessa percepção do final do século XVII, Foucault se concentra na análise do processo político que transforma o governo segundo a razão do Estado, apoiado em um “dispositivo diplomático militar” permanente e no Estado de polícia<sup>11</sup>. Há nesse mister, uma convergência entre os pensamentos do Habermas e Foucault no que concerne ao papel da opinião pública. Com o surgimento do conceito de autoridade pública que distinguia o aparelho do Estado do personalista governante, importante avanço se obtêm, visto que governar passa a ser visto como problema econômico do Estado, logo, de domínio público.

Em ambas as abordagens evidencia-se a existência de duas esferas, definidas por interesses distintos: um lado que governa e outro que é governado. Entretanto, a lógica

---

<sup>11</sup> “A partir do século XVII, vai-se começar a chamar de “polícia” o conjunto dos meios pelos quais é possível fazer as forças do Estado crescerem, mantendo ao mesmo tempo a boa ordem desse Estado.” (HABERMAS, p.421).

capitalista de produção se mostra presente, ocorrendo uma clássica separação do “domínio da polis versus o domínio do oikos<sup>12</sup>”.

Focando-se no propósito deste trabalho, percebe-se que existe um campo a ser explorado. O fundamento desta relação de poder entre Estado e cidadão, valendo-se de uma metáfora, se apresenta como o citoplasma na síntese celular que tende a se propagar por todo o “organismo”. Dessa relação nasce o campo exploratório das ações psicológicas. A necessidade de se fazer ouvido é inerente ao ser humano e, portanto um passo já cumprido na busca da tarefa de conquistar corações e mentes.

Ser um agente ativo na história era e tenderá a ser, um forte apelo popular à participação nas decisões, não obstante a posição relativa que se esteja. A perspicácia do planejamento das ações consiste em elaborar métodos minuciosamente estudados que convirjam para os propósitos que se objetiva alcançar. Partindo de uma mensagem micro que tenha potencial de propagação macro.

Compreende-se que ficaríamos sob a ameaça do poder arbitrário, caso não tivéssemos o cuidado de impedir seu progresso, e se não houvesse um método fácil de espalhar o alarma de uma ponta a outra do reino. O entusiasmo do povo precisa ser frequentemente instigado, a fim de refrear as ambições da corte; e o medo de que esse entusiasmo seja instigado, precisa ser usado para evitar essas ambições. Nada contribui tanto para este fim como a liberdade de imprensa, graças à qual é possível usar todo o saber, a inteligência e gênio da nação em favor da liberdade, e exortar todos a defendê-la. Portanto, enquanto a parte republicana de nosso governo puder conservar sua preponderância sobre a monárquica, ela terá naturalmente o cuidado de manter livre a imprensa, pois esta é importante para sua própria preservação. (HUME Apud BERKELEY, 1973, p. 260).

Do pensamento de David Hume depreende-se que o ser social é sensível ao recebimento de estímulos e, esses estímulos podem ser conduzidos, delineados e

---

<sup>12</sup> Oikos e pólis são dois termos gregos indicadores de instituições que, pelo menos na documentação textual e no nível da História das ideias, dos valores, podem traduzir o que queremos dizer com privado e público. São termos que dificilmente podemos verter para as línguas modernas, pois sua conceituação envolve uma série de elementos característicos e específicos da sociedade grega. Simplificando, oikos é casa e pólis é cidade, mas ‘casa’ e ‘cidade’, empobrecem o conceito tanto de oikos quanto de pólis (FLORENZANO, 1982, p. 1)

manipulados, o que se coaduna com a filosofia do pensador escocês, que calçou seus estudos teóricos no empirismo. Uma célebre frase ratifica o conceito exposto: “A razão é, e deve ser apenas a escrava das paixões e, não pode aspirar outra função além de servir e obedecer a elas”. (HUME, 2001.)

Fruto da complexidade humana e da dinâmica das culturas mundiais, a análise apresentada até o presente momento torna-se meramente ilustradora, não tendo a pretensão de ser uma moldura enquadradora de comportamentos. Buscou-se apenas, por meio de exemplos históricos e, propositadamente defasados no tempo, como nos relatos de fatos da história europeia e asiática, estabelecer um nexos causal e uma similitude entre as ideias. Embora advindos de realidades distintas, o Absolutismo em diversos Estados apresentava condições que permitiam a comparação e foram utilizados como objetos didaticamente facilitadores do entendimento<sup>13</sup>.

## **2.1 O contexto pós século XVIII**

As contribuições dos pensamentos formulados na Escola de Frankfurt são fundamentais para a compreensão do momento histórico vivenciado no final do século XVIII, em que a consolidada burguesia se expande, trazendo no seu arrasto os ideais capitalistas.

Durante a instituição do Estado de Direito do ideário burgês, era possível associar-se os avanços no campo político à mudança de vertente pela qual a imprensa e a opinião pública de forma genérica passaram, sendo percebida a maior participação popular.

A participação da imprensa consolidada como o elo entre o poder público e a esfera privada, aliada a um avanço tecnológico científico que permitiu a urbanização e

---

<sup>13</sup> Ao se referir ao Absolutismo, o autor faz uma referência meramente didática, não sendo levado em consideração o fato do Absolutismo na França e na Inglaterra, por exemplo, possuírem uma fundamentação e um desfecho histórico, diferentes.

reduziu o número de analfabetos, teve como consequência o reforço da tese dos meios de comunicação como aparelho ideológico do Estado. (HARDT;NEGRI, 2005).

Segundo Habermas, o que há de se destacar na esfera pública burguesa foi a possibilidade da criação de espaços para a discussão, com a formação dos círculos de leitura, espaços em que seria possível desenvolver o pensamento crítico em prol dos interesses comuns (MAIA, 2000). Nesses fóruns a imprensa política obtinha um importante campo exploratório para desenvolver suas pautas e formular agendas (HABERMAS, 1984). Nascia assim um locus de formação de massa crítica, em que a relação do então cidadão com o Estado era tema presente.

A partir desse núcleo desenvolve-se a temática de uma opinião pública engajada e com representatividade no arranjo político, cujos efeitos foram significativos por ocasião das tomadas de decisão e na elaboração de uma nova roupagem para os indivíduos. Até então o viés observado é de uma opinião pública propositiva.

Com as teses de Montesquieu para formulação de uma teoria política a partir do século XVIII, e o amadurecimento das democracias, a soberania alcança um novo patamar. De certa forma os parlamentos se transformam nas caixas de reverberação popular e uma representação da opinião pública, no sentido de uma vontade geral. (HARDT; NEGRI, 2005)

Como bem observa Hardt e Negri (2005) ao analisar a evolução da participação popular: “Embora o público e a opinião sejam noções que remontam à antiguidade, a opinião pública é basicamente uma invenção do século XVIII, que nasceu, não por coincidência, no mesmo período que a 'nova ciência' da representação democrática.”. (HARDT; NEGRI, 2005, p.58).

Não demorou muito para que a imprensa assumisse um papel de protagonista e, mais tarde, mediadora neste vácuo criado pela forma fragmentária com que se deu a formação das sociedades ao longo dos séculos. Havia a necessidade de uma estrutura que criasse a

interface entre os cidadãos e as relações de poder com os seus governantes, aliado ao fato de ter se tornado o palanque para todas as medidas de políticas afirmativas coletivas e individuais.

Um desenfreado crescimento dos meios de comunicação nos séculos XIX e XX deveu-se principalmente ao avanço do capitalismo por um número grande de Estados, gerando grupos oligopolistas. Esses grupos foram visionários de certo, cujo mérito se deu na correta leitura do potencial que aquele recurso tecnológico poderia oferecer a uma estrutura de poder. Entretanto, não se pode desconsiderar que o interesse era mútuo, estabelecendo-se uma relação de simbiose que se estende até os dias atuais. Aliado a esses fatos, a humanidade vivenciava uma experiência de redução do analfabetismo que alavancou, particularmente, as mídias impressas e de propaganda.

O indivíduo que recentemente tinha adquirido o status de cidadão passou a ser visto como um ser abstrato, coletivo, com características comuns e não diferenciadas. (FERREIRA, 2001). Inicia-se uma experiência que ficou conhecida como sociedade de massa<sup>14</sup>.

Conforme define Thompson (1996, p.291) “uma das características da comunicação de massa é a circulação pública das formas simbólicas. Os produtos de comunicação de massa são produzidos, em princípio, para uma pluralidade de receptores”. Sendo assim, quaisquer indivíduos que possuam os meios técnicos e as habilidades podem ser agentes ativos de um processo de comunicação de massa.

---

<sup>14</sup> "Para além das contraposições filosóficas, ideológicas e políticas na análise da sociedade de massa - interpretada quer como a época da dissolução das elites e das formas sociais comunitárias, quer como o início de uma nova ordem social em que há maior participação e acordo, quer, enfim, como uma estrutura social produzida pelo desenvolvimento da sociedade capitalista-, alguns traços comuns caracterizam a estrutura da massa e o seu comportamento: a massa é constituída por um agregado homogêneo de indivíduos que enquanto seus membros - são substancialmente iguais, não distinguíveis, mesmo se provêm de ambientes diversos, heterogêneos e de todos os grupos sociais." (WOLF, 2005, p.7)



*A ficção constitucional* dita opinião pública não pode mais ser identificada no comportamento real do próprio público; mas computá-la em determinadas instituições políticas também não lhe tira o caráter fictício caso se faça abstração do nível do comportamento do público de um modo geral. (HABERMAS, 1984, p.278)

Quanto à formação de uma opinião pública de essência, existe uma tendência que ela não exista. As indagações em busca desta tão desejada e quase consensual opinião pública, são dirigidas para indivíduos que nem sempre estão aptos a responder aos questionamentos; nem sempre uma opinião expressa, apresenta um valor em si. Pode ter sido uma mera manifestação pós estímulo, que não respeitou o compromisso de estar alinhada com a verdade ou mesmo com a real ideia que o indivíduo faz do tema; e por fim nem sempre os questionamentos dizem respeito a todos. Por vezes pessoas são levadas a manifestação sem sequer estarem incluídas no contexto da dúvida. Nesse viés se forma um mercado consumidor de ideias. (BOURDIER, 1973)<sup>15</sup>.

A indústria de comunicação como um todo cresceu e desenvolveu o setor, e em especial o setor jornalístico, com novas formas de emprego das tecnologias

A comunicação adquire um status estruturante porque torna-se dispositivo essencial para a realização do capital em sua fase mais tardia; para o conhecimento cotidiano da atualidade e para costurar em rede o mundo contemporâneo [...] A onipresença tentacular da comunicação e sua manifesta exposição através da permanente fabricação e mediação de sentidos pela mídia constitui a singular ambiência da contemporaneidade. (RUBIM, 2003, p.48)

Sendo assim, o entendimento de Habermas aponta para uma inversão dos interesses privados na esfera pública. A mídia, até então um espaço para servir ao público, passa a ser refém de um mercado voraz emergente. As vozes da Escola de Frankfurt, materializadas nas proposições de Adorno e Horkheimer, ganham ressonância em relação aos

---

<sup>15</sup> O texto se refere a um artigo acadêmico escrito em 1972, pelo sociólogo Pierre Bourdieu para a revista *Les Temps Modernes* que o publicou em janeiro de 1973.

meios de comunicação. É esse viés comercial da mídia que a torna um instrumento de realização do capital da indústria cultural<sup>16</sup>.

Esse momento é crucial para a construção da opinião pública, pois o aparato de comunicação existente se volta para a formação de um modelo que privilegia a construção e a formação do pensamento, moldando seus espectadores no contexto de uma produção intelectual. É o entretenimento como mecanismo de manipulação de massas. Como analisaram Adorno e Horkheimer (1985), “O conceito da indústria cultural designa uma prática social, através (sic) da qual a produção intelectual passa a ser feita pelos produtores de bens simbólicos, em função de sua possibilidade de consumo no mercado”.

Perante a esfera pública ampliada, os próprios debates são estilizados num show. A "publicidade" perde a sua função crítica em favor da função demonstrativa: mesmo os argumentos são pervertidos em símbolos, ao quais não se pode, por sua vez, responder com argumentos, mas apenas com identificações. (HABERMAS, 1984, p.241).

Os avanços do capitalismo no ocidente recebem uma roupagem cultural nos espaços de comunicação emprestando leveza ao mecanismo ideológico de poder. Foi o que Nye (2002) denominou de “*Soft Power*”, artifício muito empregado pelas produções cinematográficas, fonográficas e editoriais, particularmente originados nos EUA, o que veio mais tarde a contribuir e consolidar a posição daquele estado como a maior potência mundial.

Os debates são agora conduzidos pelos interesses da indústria cultural e as opiniões são assim forjadas. O espaço crítico perde a dimensão revolucionária e dá contornos

---

<sup>16</sup> Em 1944 Adorno e Horkheimer publicaram o livro *Dialética do Esclarecimento*, em que desenvolveram o conceito de *indústria cultural* no qual dentre outras coisas afirmam: "Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele. Os dirigentes não estão sequer muito interessado em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural”.

a uma cultura modular em que o indivíduo é levado a pensar de forma mecânica e direcional. As pautas são criteriosamente definidas com esses propósitos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

"Mais do que comparar a arena das mediações deste século XX com eras passadas, precisamos repensar o significado do 'caráter público' hoje, num mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, onde os indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal". (THOMPSON, 2004, p.72).

Partindo-se dessa análise conclusiva de Thompson, encerra-se neste capítulo do trabalho a análise da construção da opinião pública ao longo dos séculos, sem, contudo, ter a pretensão de entender que o assunto foi exaurido. O tema é dinâmico e complexo e impele a reflexões constantes acerca da maneira como são engendradas as agendas mundiais, regionais ou locais no universo da indústria cultural, como identificada por Adorno.

Os campos de abordagem se ampliam, novas formas de mídia se desenvolvem e novos espaços de construção do pensamento são mobilizados. Entretanto, independentemente da tecnologia, o essencial é compreender o potencial de penetração que a informação possui perante a opinião pública, desde que a sociedade passa efetivamente a viver coletivamente.

Ao entender por *espaço público* [*esfera pública*] o conjunto das relações no centro das quais se cumpre, ativamente, uma palavra política, ter-se-á, sem dúvida, compreendido que o estado democrático moderno padece de vê-lo colonizado pela mídia e pelas outras instâncias de confisco da palavra. Os cidadãos afastam-se do espaço público porque não podem mais ser aí ouvidos, por não o vivificarem eles mesmos (RUBY, 1998, p.132).

Esse viés consumista da mídia, que para alguns a coloca como "preposto ideológico do capital" foi alvo de constantes críticas, porém é sabido que perdura até os dias atuais.

### 3 COMO PENSAR NO SÉCULO XXI

As ciências exatas, amplamente estudadas ao longo da história, têm sido utilizadas por filósofos, sociólogos e diversos pensadores em metáforas que auxiliam a compreender os fenômenos sociais.

Clausewitz deixou-nos um legado extenso sobre as perspectivas da Guerra, com conceitos como Centro de Gravidade, Fricção, Ponto de Equilíbrio e Ponto Culminante. Nessa mesma esteira, Zygmunt Bauman fundamenta seus conceitos valendo-se da ciência exata e pauta na física a materialidade da sua obra.

Os conceitos de fluidez e solidez ensejam um debate acerca dos comportamentos humanos que emprestam significativa importância à compreensão da sociedade moderna, como se estrutura o pensamento e, como o ser social se relaciona nesse novo ambiente, instável, incerto, complexo e cada vez mais interativo.

Com o conceito de fluidez, que é uma valência dos líquidos e gases, Bauman citando a Enciclopédia Britânica, analisa: “o que é fluido se distingue dos sólidos por não suportarem uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão” (BAUMAN, 2000b). Aprofundar esse entendimento é fundamental para que se possa perceber a natureza desse indivíduo, forjado no alvorecer do século XXI e como essa nova perspectiva influencia nas práticas das Operações Psicológicas.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, esvaem-se”, respingam”, transbordam”, vazam”, inundam” borrifam”, “pingam” são “filtrados”, “destilados” diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos- contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados –ficam molhados ou encharcados.(BAUMAN 2000b, p.8)

Dessa metáfora estruturada na física, Bauman exemplifica que a nova dinâmica é a da forte influência e apelo público. Tudo se molda. Cada vez mais os indivíduos vencem limites territoriais e assim, até estruturas mais tradicionais vão dando espaço para novos arranjos sócio políticos, poderosos pela capacidade de aglutinação, influência e cooptação. O aparato tecnológico faz-se presente como elemento estruturante e a mobilidade uma realidade incontestável.

Interrupção, intercorrência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas [...] por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados[...] não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos. Assim toda a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?(PAUL VALERY Apud BAUMAN, 2000b, p.7).

O emprego dessa metáfora apresenta-se como adequado para explicar a situação transitória por que passa a humanidade. Não há ineditismo pois, ao longo do tempo tais mudanças existiram, obedecendo-se obviamente o relativo contexto temporal. Essa natureza fluida da modernidade talvez seja o diferencial dessa fase de transformações se comparadas com outros momentos históricos.

Essa tese sugere que a modernidade no seu nascedouro já possuía características transformadoras. Na sua essência tinha como metas liquefazer os sólidos conceito de uma sociedade estagnada e que não apresentava soluções para os seus problemas.

### **3.1 Dialética pós-moderna**

A sociedade mundial ainda perplexa pelos horrores de uma guerra transcontinental (1939-1945) que devastou, particularmente, a Europa aguardava ansiosa um arranjo político e econômico que lhe garantisse a tão almejada vida moderna.

Os modelos de governo surgidos prometiam um novo conceito de sociedade, pautados em prosperidade, equilíbrio e desenvolvimento. Matizes capitalistas e socialistas douravam suas pílulas ideológicas com o fito de expandir seus domínios. Uma sensação de que seria possível um mundo melhor, era a nova utopia. O crescente avanço socioeconômico, mais facilmente percebido no ocidente, estabeleceu um paradigma de sociedade libertária, que não teve a sua praticidade corroborada pelo tempo.

Herbert Marcuse, crítico desse ideário, ponderava:

Em relação a hoje e a nossa própria condição, creio que estamos diante de uma situação nova na história, porque temos que ser libertados de uma sociedade rica, poderosa e que funciona relativamente bem [...] o problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e mesmo culturais do homem - uma sociedade que, para usar um slogan, cumpre o que prometeu a uma parte crescente da população. E isso implica que enfrentemos a libertação de uma sociedade na qual a libertação aparentemente não conta com uma base de massas. (MARCUSE Apud BAUMAN, 2000b, p.25).

Essa letargia que impregnava significativa parcela dessa sociedade, esbarrava no *trade off*<sup>17</sup>: “não estou satisfeito com o que tenho mas não sei exatamente o que quero e, nem se a simples mudança nos conduzirá a uma condição melhor”. Essa proposição de Bauman se alinha com o fato de que a noção de liberdade pressupõe que se tenha a clareza da própria condição social. Com efeito, Schopenhauer bem definiu:

A realidade é criada pelo ato de querer; é a teimosa indiferença do mundo em relação à minha intenção, a relutância do mundo em se submeter à minha vontade, que resulta da percepção do mundo como “real”, constrangedor, limitante e desobediente. Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir. (SCHOPENHAUER Apud BAUMAN, 2000b, p.26).

---

<sup>17</sup> O *Trade-off* representa um conflito de escolha. Uma decisão que precisa ser tomada e você precisa abrir mão de uma coisa em função de outra. De forma simples, podemos dizer que quando um requisito melhora o outro piora.

Logo, a constante de equilíbrio é uma força que resulta da percepção que se tem do contexto, da possibilidade que se adquire de projetar desejos e/ou a imaginação ou do entendimento de como executá-los.

A liberdade nasce, portanto, da perspectiva de que o desejado e os cenários futuros encontram-se dentro de uma moldura temporal factível. Assim a homeostase<sup>18</sup> se estabelece interagindo nas variáveis: ou se amplia a capacidade de concretização de vontades ou reduzem-se os desejos e/ou a imaginação.

A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia da leveza. Há líquidos que centímetro cúbico, por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos leveza ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. (BAUMAN, 2000b, p.9)

Percebe-se que, para Bauman, cada vez mais os indivíduos se tornam paradigmáticos e, por conta disso, mais passíveis de receber influências, criar novos espaços de relacionamentos, transformando realidades estáveis por longo tempo em espaços revolucionários e em fugaz modificação.

Ao contrário do caso dos operadores políticos, porém, a agenda atual cristaliza-se como um pós-efeito ou efeito colateral das operações de mercado: ela não as procede como motivo e menos ainda com intenção deliberada ou objeto articulado. Tem todas as características de um “produto natural” – e de um produto contingente, nem planejado nem mesmo previsto e, portanto, não escolhido. Os critério da razão e da racionalidade da ação, adotados no passado para guiar a atividade agendadora das modernas instituições políticas não se aplicam pois à agenda criada pelo jogo das forças de mercado. Esta não é uma agenda racional nem irracional, não reflete os preceitos da razão nem milita contra eles. Ela simplesmente é, assim como as serras e os mares são – aparência muita vez endossada na frase preferida dos políticos: “não há alternativa”. Com efeito, o elemento de “ação propositada” no produto final é quase encoberto, de modo que não fica imediatamente claro que tipo de ação abertamente intencional poderia levar à transformação da agenda. (BAUMAN, 2000a, p.81)

---

<sup>18</sup> De acordo com o dicionário Michaelis : Homeostase: [De homeo- + -stase.] S. f. 1. Fisiol. Med. Tendência à estabilidade do meio interno do organismo. S.f. Homeostasia1.Biol. Lei dos equilíbrios internos que rege a composição e as reações físico-químicas que se passam no organismo e que, graças a mecanismos reguladores, são mais ou menos constantes.

Nota-se que apesar das tentativas de conduzir processos, os governantes ou autoridades políticas têm encontrado dificuldades em instituir suas agendas, posto que uma tendência individualista, segundo Bauman (2000a), presente no homem do século XXI, induz a formação de agendas alternativas e distantes de uma lógica formal com alguma racionalidade sobre a qual se possa encontrar fundamento.

Por sua vez um processo de manipulação das intenções poderia impossibilitar que se tivesse acesso ao real limite do agir e, por conseguinte, nem mesmo permitir que se chegasse às esferas dos desejos e das intenções. Essa visão estimula a análise sobre o conceito de fenômeno e essência humana, cujo potencial de exploração política se mostra imenso. Segundo Bauman, o conceito de liberdade pode ser visto por três prismas:

Primeiro aspecto, “o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade”, o segundo aspecto as pessoas podem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que isso objetivamente esteja longe de ser satisfatório e o terceiro é que vivendo na escravidão se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, perdendo a chance de se tornarem livres. (BAUMAN, 2001, p.27).

Desse entendimento é possível extrair importante conclusão que nos remete ao tema proposto pelo trabalho. A correta leitura das condições socioeconômicas e culturais do público alvo torna-se indispensável para um bom planejamento das ações militares. Nesse meandro concentra-se o campo de atuação das ações de formação do pensamento, que, invariavelmente, ocorrem com antecedência providencial.

Fica ainda a incerteza do *modus faciendi*, cujo estabelecimento de uma fórmula para todos os casos consiste em erro crasso, a custa de todo o esforço político e/ou militar ser despendido em vão. Contudo, fica óbvio que o repertório de opções de atuação é bastante amplo em um contexto volátil e fluido, como definiu Bauman.



Ampliando a análise das variáveis pode-se considerar que em alguns cenários a construção do desejo de melhorar pode ser alterada na sua raiz. Com efeito, como definiu Sigmund Freud, ao abordar a busca humana do prazer e da felicidade,

O ser humano invariavelmente é pressionado a agir guiado pelo princípio da realidade. Ao definir suas intenções, reais ou experimentais muito provavelmente a sua amplitude estará condicionada à capacidade que o indivíduo possui de executá-las, de colocar em prática. E este agir deve ser algo com condições razoáveis de sucesso. (FREUD,1911, p.11).

Essas condicionantes permeiam o universo dos conflitos e movem os indivíduos dentro de suas convicções. Portanto, elaborar uma agenda em que esses conteúdos venham a ser contemplados, constitui uma importante trajetória de sucesso dentro do espectro das ações psicológicas que serão detalhadas no Capítulo 5 deste trabalho. Entretanto, tal empreitada do ponto de vista pragmático, torna-se mais complexo, pois a gênese desta nova realidade do início do século XXI é cada vez mais difusa e incerta.

A geração de demandas emerge de forma global e na velocidade dos bytes. Os demandantes descentralizam-se e não são somente conglomerados populacionais volumosos e carentes, como também são pequenos grupos sumariamente organizados, ou até mesmo grupos atuantes de forma autônoma, lastreados por uma rede informacional que os conecta em tempo real com todo o planeta.

Sendo assim, como síntese do conceito de Bauman sobre a modernidade líquida e a postura dos indivíduos no século XXI, nota-se a existência de um corte epistemológico<sup>19</sup> a partir do meio do século XIX. Provavelmente, a explicação pela antítese da modernidade

---

<sup>19</sup> O Corte epistemológico é um conceito do sociólogo Louis Althusser que sugere em um primeiro momento como uma ruptura abrupta de uma condição existente. Nas suas obras subsequentes Althusser faz uma nova leitura nesse conceito e reformula sua tese, considerando o corte epistemológico um processo de longa duração. Essa nova leitura podem ser encontradas nas suas obras: “A querela do humanismo” (1967) e “Elementos da autocrítica” (1972).

sólida, surgida após a Revolução Industrial, seja a melhor maneira para explicar a modernidade líquida.

Vivia-se no século XIX uma época marcada pelas transformações clássicas do capitalismo. As relações fabris direcionam o novo perfil de relações sociais com homens e mulheres migrando do campo para as cidades, a inabalável doutrina católica sofre as pressões de um protestantismo efetivo com efeitos nas relações do trabalho e da riqueza; os sindicatos e partidos políticos ganham força nas decisões sobre o destino dos cidadãos; as lutas de classes eram bem evidenciadas e duas vertentes bem definidas: a burguesia e o proletariado; a noção perceptiva era de que as estruturas eram estáveis. Desde o Estado que se apresentava forte, presente e interventor, até os laços familiares duradouros e definidos, quando pais, mães e filhos tinha papéis bem definidos; o trabalho é perene não havendo significativa mobilidade.

Por sua vez, a Modernidade líquida, vislumbrada por Bauman, transforma as perspectivas presentes no século XIX, quais sejam: o indivíduo com posição simples e definida dá lugar a um cidadão que toma as rédeas, assumindo posições diferenciadas como gênero, opção política, preferências sexuais, engajamento em lutas de classes. Nota-se um crescente enfraquecimento do poder dos partidos políticos e dos sindicatos na tarefa de conduzir as classes trabalhadoras, as utopias ideológicas são repensadas e dão espaço aos conceitos práticos e racionais, o Estado é menos interventor e paira a névoa da incerteza; a gestão financeira dos Estados se estrutura em blocos econômicos e o indivíduo dispõe de um cardápio variado de opções de investimento dos seus recursos. O poder extrapola os limites territoriais dos Estados e as tecnologias aproximam pessoas e encurtam distância, gerando uma nova percepção de tempo e espaço. A velocidade dos fluxos é marca indelével, e a palavra de ordem na Modernidade Líquida é a incerteza.

### 3.2 A era informacional e o século XXI

Como uma tendência nos conflitos modernos, cujos beligerantes invariavelmente são forças assimétricas, os ataques deflagrados a partir de plataformas militares leves têm se mostrado eficientes.

Numa combinação de tecnologia, elevado preparo e domínio de informações relevantes para o emprego militar, as ações de apoio à Informação<sup>20</sup> surgem como fundamentais no campo de Batalha que cada vez se amplia mais, saindo das limitadas fronteiras territoriais da região onde ocorrem, fisicamente, perpassando por modernas instalações de Comando, Controle, Inteligência e Comunicações que por vezes penetra o espaço cibernético.

O propósito desta seção é apresentar em um breve relato, alguns fatos ocorridos no final do século XX e que repercutiram no século XXI no cenário das guerras, cujas ações envolveram a componente tecnológica como diferencial de sucesso no combate. Na continuação, serão abordados os conceitos da Guerra de quarta geração e as tendências evolutivas para as forças no decorrer deste século.

#### 3.2.1 - Império da tecnologia

Por ocasião do conflito armado que ficou mundialmente conhecido como a Primeira Guerra do Golfo (1990), travada entre os Estados Unidos da América (EUA) e seus aliados contra as Forças Iraquianas de Saddam Hussein, na região que englobava o Iraque e o

---

<sup>20</sup> Ações de Apoio À Informação é a mais moderna denominação do conjunto de operações que englobam as Operações Psicológicas, as Operações de Inteligência e Contra-Inteligência, Guerra eletrônica com o propósito de auxiliar uma campanha militar de maior envergadura. Tais conceitos serão detalhados no capítulo 5.

Kwait, uma das primeiras tropas a se estabelecer no Teatro de Operações foram os guerreiros cibernéticos<sup>21</sup>. (CLARKE; KNAKE, 2015).

Naquela ocasião, em cumprimento a um minucioso planejamento, ficou evidente que para o sucesso das operações, seria necessária a intervenção de agentes especializados na análise do parque tecnológico que sustentava as forças iraquianas.

Identificadas as vulnerabilidades críticas, restava operacionalizar sua neutralização e planejar o emprego de Forças Especiais que teriam como missão infligir danos no complexo sistema de redes de controle dos radares e mísseis de defesa antiaéreos. Entretanto, o General Norm Schwarzkopf mostrou-se reticente, considerando o plano arriscado e com poucas chances de sucesso. Tal postura se explica pelo fato do Comandante do Teatro de Operações não possuir boa impressão da sua tropa de Operações Especiais. (CLARKE; KNAKE, 2015).

Possivelmente por desconhecimento técnico, o General Schwarzkopf acreditava que, ainda que as missões de operações especiais fossem bem sucedidas, as forças iraquianas poderiam restabelecer os equipamentos. Dizia, “se você quer ter a certeza de que os radares e mísseis de defesa antiaérea deles não vão funcionar, exploda-os primeiro. Em seguida invada e bombardeio os alvos.” (SCHWARZKOPF, citado por CLARKE; KNAKE, 2015).

Assim foi feito, e diversas baixas de aeronaves e de combatentes aliados foram observadas durante os bombardeios a Bagdá. (CLARKE; KNAKE, 2015). Dois fatores chamam a atenção no caso em lide: a adoção de medidas conservadoras de combate, em que pese a proximidade do alvorecer do século XXI, perceptivelmente personificada no seu experiente e saudosista Comandante; e o fato da doutrina de emprego conjunto dos meios em apoio ao combate principal ser ainda muito precoce e sem experimentação prática. Essa

---

<sup>21</sup> O Comando Cibernético dos EUA deve quadruplicar de tamanho até 2015, recebendo 4.000 novos funcionários.

Doutrina nos anos subsequentes foi crucial para a redução de baixas nas forças no Teatro de Operações, por ocasião do conflito que ficou conhecido como Segunda Guerra do Golfo (2003) - “Operação Iraque Freedom”.<sup>22</sup>

Passados então 13 anos, vários dias antes do desencadear dos ataques aéreos com o emprego dos caça bombardeiros, uma Operação Psicológica foi deflagrada a fim de que fosse induzida uma rendição sem combate, pois a superioridade das forças dos EUA era incontestável e avassaladora se comparada a do inimigo iraquiano (CLARKE; KNAKE, 2015).

Conforme descrevem Clarke e Knake (2015) autores do livro Guerra Cibernética, teriam sido enviadas para oficiais iraquianos, em suas caixas particulares de e-mail, mensagens claras e direcionadas, no intuito de desencorajá-los de lutar. Seu conteúdo nunca se tornou público, porém, segundo a supracitada obra, o texto conteria a seguinte redação:

Esta é uma Mensagem do Comando Central dos Estados Unidos da América. Como você sabe, nós podemos ser instruídos a invadir o Iraque em um futuro próximo. Se fizermos isso, vamos oprimir forças que se opuserem a nós, como já fizemos anos atrás. Nós não temos a intenção de prejudicar você ou suas tropas. Nosso objetivo é retirar Saddam e seus dois filhos do poder. Se desejar permanecer ileso, coloque seus tanques e outros veículos blindados em formação e abandone-os. Afaste-se. Você e suas tropas deverão ir para casa. Você e outras forças iraquianas serão reconstituídas após a alteração do regime de Bagdá.” (CLARKE; KNAKE, 2015,p.13)

Diante da contundência e da tecnicamente perfeita mensagem que abrangeu os pontos cruciais de uma operação Psicológica, que será detalhada no Capítulo 5, não restou alternativa a diversos oficiais iraquianos senão abandonar seus blindados perfilados fora de

---

<sup>22</sup> O conflito armado deflagrado entre os Estados Unidos da América e o Iraque, que teve início no ano de 2003 é alvo de polêmicas envolvendo historiadores e cientistas políticos, quanto ao seu início e término. Para alguns ele não teve início em 2003 e sim é uma consequência da primeira guerra iniciada em 1990. Por outro lado há polêmicas sobre quando efetivamente terminou. Enfim, este autor desconsiderou para efeito do presente trabalho essas polêmicas, por entender que não haveria influência no desenvolvimento das análises.

suas bases militares, o que permitiu o sucesso dos bombardeiros estadunidenses que os destruíram sem reação de defesa e revide (CLARKE; KNAKE, 2015).

Digno de nota para a síntese deste estudo a ocorrência de um fato por ocasião da segunda Guerra do Golfo, no nível de decisão político, que reforça a tese da total subordinação a essa, dos demais níveis de condução dos conflitos. A descrição de Clarke e Knake (2015) sobre a conduta do então presidente dos EUA George Bush que governou no período entre os anos de 2001 e 2009:

“Embora dispostos a invadir a rede iraquiana para engajar em uma campanha psicológica antes do início do ataque convencional, o governo de Bush não estava aparentemente disposto a destruir ativos financeiros de Saddam Hussein, atacando as redes dos bancos iraquianos no próprio Iraque ou em outros países. Embora estivessem aptos a fazê-los os advogados do governo temiam que a invasão de contas bancárias fosse vista por outras nações, como violação do direito internacional e isso abriria um precedente.” (CLARKE;KNAKE, 2015 p.14)

O crescimento da importância da opinião pública nas decisões políticas de maneira geral e em particular nos conflitos armados, como apresentado no Capítulo 2, é uma realidade. Essa presença constante é uma ferramenta da graduação da violência nos conflitos convencionais, que impele os Estados, de maneira geral, a estabelecerem como metas de aceitabilidade, reduzido número de baixas.

Paralelamente, a atuação do poder público dos EUA era notória, com manobras de bastidores que visavam obter o máximo de apoio da Opinião Pública mundial e em especial às populações dos países que demonstravam apoio à empreitada bélica, quer nas inserções de mídia, quer nos fóruns militares internacionais, com ênfase no Conselho de Segurança da ONU .

Então, o desafio para o século XXI é como dimensionar e potencializar essas ferramentas de comunicação de massa, tornando seus efeitos ainda mais contundentes.

Ressalta-se que o tema proposto neste trabalho está focado particularmente no nível político de condução dos conflitos e como as ações de natureza da formação do pensamento podem ser exploradas no seu nível máximo. Logo, a análise das principais ferramentas é imprescindível para a compreensão.

A televisão vinha desde os anos 40, ocupando o posto de maior ferramenta de mídia de massa do globo. Embora se tenha perdido a oportunidade de melhor estudar o fenômeno, naquela ocasião, um importante instituto de pesquisa dos EUA, acreditando no imenso potencial da internet, começou em 2000 uma modelagem que simula parte da população dos EUA (CASTELLS, 2005).

Enquanto a TV tem seu maior foco de atuação, para o público em geral, no segmento entretenimento, a internet, tal qual a imprensa, tem potencial para transformar a aprendizagem, o lazer e a forma como é vivenciada a experiência profissional (CASTELLS, 2005).

Com o desenrolar das crises econômicas, as empresas que possuíam menor estrutura e fôlego financeiro foram sendo gradualmente encampadas pelas maiores empresas dos setores, ao ponto do número de empresas da área de comunicações no final da década de 80 ter chegado a casa dos estrondosos 50 conglomerados e, atualmente estão reduzidos a seis. O conglomerado de oligopólios das comunicações ficou conhecido como *Big six* e hoje controlam os mais importantes canais de TV aberta e fechada do mundo assim como portais de internet, radiodifusão e mídia independentes, conforme discriminado no Anexo A deste trabalho. As seis empresas que coletivamente controlam a mídia dos EUA são hoje: a Time Warner, Walt Disney, Viacom, Rupert Murdoch, CBS Corporation e NBC Universal. Juntas, as redes de notícias dominam amplamente o entretenimento nos Estados Unidos e em grande parte do mundo.

Efetivamente, o pleno emprego dos meios de comunicação, como plataforma de implementação de Operações Psicológicas no Nível Político, perpassa pela penetração nesse tipo de conglomerados. Obviamente o tamanho do ator estatal está diretamente relacionado as suas possibilidade e limitações para implementar ações dessa natureza. Porém, se não aquelas de ação ativa, ao menos o conhecimento da forma como atuam estados e corporações, contribuirá para ativação de um planejamento de contenção no Nível Político, e norteará as ações a serem adotadas nos demais níveis de condução dos conflitos de forma inter-relacional.

Desse corolário podemos extrair para a atividade militar que, um estado que efetivamente queira ser influente no cenário internacional, não pode prescindir do domínio da tecnologia, da possibilidade de desenvolvimento autóctone e da capacidade de ampliar suas plataformas informacionais, cibernéticas e de comunicações, utilizando largamente as diversas mídias para a intensificação dos seus projetos políticos, no sentido de conquistar corações e mentes.

Porém, é preciso a compreensão de que o estabelecimento de uma Diretriz para Operações Psicológicas no nível político não se executa somente com vontade. Faz-se necessário um minucioso planejamento e uma doutrina bem solidificada, o que hoje no Brasil ainda está bastante incipiente e estruturalmente confusa no tocante às atribuições e distribuição de responsabilidades pelos órgãos envolvidos.

Em estudo desenvolvido no ano de 2005, por Castells e Himeman durante três anos foram elaborados cenários prospectivos para uma moldura temporal de cinco anos. Naquela ocasião prospectaram tendências globais cujos impactos já podem ser percebidos com maior ou menos intensidade no planeta, dos quais foram selecionados apenas seis para este estudo.



Faz-se necessário compreender a época e o contexto da fonte, cujas preocupações, e a maneira como enfocam o globo, difere das visões de uma analista em outra realidade sócio cultural, senão vejamos:

1 – aumento da competitividade internacional por impostos

A busca por novos mercados acirra as disputas comerciais que resultam nas disputas tributárias que invariavelmente ensejam arranjos comerciais para que se chegue a um acordo. Com as grandes potências em ação, não seria ilógico imaginar no incremento das ações de *soft power*<sup>23</sup>, particularmente com ações de propaganda e transmissão de cultura hegemônica diante de parceiros comerciais.

2 – a nova divisão global do trabalho

A análise se volta ao processo de migração de mão de obra o que enseja maior criatividade e desenvolvimento tecnológico.

3 – envelhecimento da população

Tendência da Europa e EUA. Espera-se que a principal consequência seja a cooptação de mão de obra migratória.

4 – pressões crescentes da sociedade do bem-estar

Como decorrência do item 5, os Estados terão dificuldades para atender as demandas sociais de populações envelhecidas.

5 – a segunda fase da sociedade da informação

O foco saíra do desenvolvimento de tecnologias (meta já alcançada) para mudança da forma como trabalhamos.

---

<sup>23</sup> - o conceito de *soft power* pode ser definido como a capacidade de atração ideológica e cultural por parte de um ator político. Trata-se da proposta de substituir as armas e a força física, ou seja, o *hard power*, pelo poder brando, caracterizado pela persuasão. O caso americano é exemplar nesse tema. A cultura popular dos Estados Unidos tem um reconhecido alcance global. Não há como escapar à influência de Hollywood, da CNN, de sua música e indústria editorial. Esses meios exprimem valores como liberdade, individualismo e desejo de inovação.

## 6 – a ascensão das indústrias culturais

O campo da cultura fruto até mesmo da globalização encontra-se em expansão. Este processo é afetado pela convergência de tecnologias, a digitalização de conteúdos e a junção de Tecnologia da informação com comunicação e mídia.

Ao que parece a grande ansiedade do mundo atual é desvendar os próximos passos de uma coletividade que não está conseguindo caminhos para resolução de suas demandas. Este caldo cultural que abrange uma infinidade de influências, de todas as partes do mundo é extremamente vulnerável e acessível às novas soluções.

As técnicas de prospecção de cenários calcados em fundamentos matemático ou simplesmente análises metodológicas de comportamentos e arranjos geopolíticos, surgem como a panaceia universal dos novos tempos.

É lícito supor que projetar cenários continuará e se ampliará no século XXI, à medida que novas tecnologias venham a ser incorporadas. Sendo assim, vislumbra-se um vasto campo de crescimento para as Operações Psicológicas, em todos os níveis de condução da guerra, posto que nesse mister, são grandes as manipulações e especulações de toda ordem, particularmente no que diz respeito às agendas mundiais e os verdadeiros motivos da inclusão de alguns temas nessas agendas. Tal assunto será mais detalhado no Capítulo 4 deste trabalho.

Corroborando esta ideia, Nye (2004) apresenta um conceito que tem sido muito empregado por grandes potências:

O poder brando utiliza um tipo diferente de moeda para alcançar a cooperação – uma atração para compartilhar valores e a união da contribuição para alcançar esses valores. Como Adam Smith observa, as pessoas são conduzidas por uma mão invisível quando tomam decisões em um mercado livre, nossas decisões no mercado das ideias são frequentemente definidas pelo poder brando – uma atração intangível que nos persuade a irmos sozinhos com outras finalidades sem qualquer tratamento explícito ou troca de lugar. (NYE, 2004, p.7)

#### 4 OS *THINK TANKS*

Como você muda o mundo? Bem, existem os caminhos óbvios, como tomar o poder, ser absurdamente rico ou trabalhar pesado por meio do processo eleitoral. E existem os atalhos como o terrorismo ou formar um *Think Tank*.

Steve Waters <sup>24</sup>

O propósito deste capítulo é analisar como se estruturam as ardilosas conjunções políticas nos bastidores do poder da maior potência mundial, os EUA, proporcionando condições de estabelecer-se uma visão crítica acerca da elaboração de agendas globais, conteúdos programáticos e até mesmo de estudos acadêmicos.

Intrinsicamente, as práticas por vezes, tem como real objetivo, difundir conceitos que, no nascedouro, soam para a maioria do público-alvo como verdades inquestionáveis, influenciando até mesmo a capacidade de discernimento entre o que é produto de um pensamento racionalmente lógico, ou uma mera incorporação de informação que transpassa os desvãos do cérebro humano.

Para efeito de conceituação, “*Think Tanks*” é uma designação genérica relacionada a grupos, organizações ou centros de pesquisa, produção e articulação do conhecimento. Em função do prestígio alcançado ao longo dos anos, principalmente a partir do final da década de 40, os *Think Tanks* foram importantes para vencer os desafios estratégicos dos EUA no período pós Segunda Guerra Mundial. (TEIXEIRA, 2007, p.32)

Para as Nações Unidas de acordo com a United Nations Development Program (2003) citada por TEIXEIRA (2007) os *Think Tanks* podem ser definidos como “atores da sociedade civil, [...] organizações comprometidas, de modo regular, com pesquisa e

---

<sup>24</sup> citado em TEIXEIRA (2007, p.105)

“advocacy” sobre qualquer questão ligada às políticas públicas. São pontes entre o conhecimento e o poder nas democracias modernas”.

Atualmente, segundo Tatiana Teixeira (2007), “os ‘*Think Tanks*’ passaram a representar um novo segmento do sistema político dos EUA, influenciando a tomada de decisões nos níveis interno e externo e nas mais diversas esferas, com um suposto poder de realizar realidades.”. Nota-se que a atuação de um “*Think Tanks*” ainda que, em tese, esteja voltada para a pesquisa e produção do conhecimento, possui um viés ideológico muito claro expresso nas suas práticas atreladas a empresas e governos. “Não basta pensar, é preciso influenciar” (**tradução nossa**) (GOLD, 2004).

Como analisa Stone (2004) “as fronteiras entre as ciências sociais e a política não são mais tão claras como no passado”. A queda do limite de fronteiras interestaduais por meio de redes de relacionamento corporativos empresta um sentido de convivência entre os formuladores de pensamento que não se consegue mais imaginar uma relação isenta de influências entre institutos e governos. Para Stone, os *Think Tanks* atuam em proveito dos interesses das suas conveniências, mesmo que isso signifique contrariar interesses públicos.

O alcance do trabalho desses grupos é muito maior do que alguém menos informado possa imaginar. Constantemente são instados a produzir teses sob encomenda, emitem pareceres, participam de programas de TV, capacitam funcionários dos governos, formatam trabalhos acadêmicos de forma a facilitar um entendimento específico, traduzem teóricos de difícil compreensão. Enfim, não são poucas as situações que o braço influente dos *Think Tanks* se faz presente nos cotidianos de diversos lugares do globo.

As ideias, essência do que os *Think Tanks* têm para oferecer, abrem um campo de possibilidades para a ação e o florescimento de um determinado conjunto de políticas. Servem como um mapa em um ambiente de incertezas, são usadas como bandeiras de movimentos intelectuais e ideológicos, ajudam a criar uma nova compreensão social de velhas questões, podem enfraquecer coalizões políticas ou cimentar o caminho para a formação de novas, ao desestabilizar o consenso político preexistente. (CALLAHAN, 1999; GOLDSTEIN e KEOHANE, 1993; SMITH, 1991 Apud TEIXEIRA, 2007, p.97).

Percebe-se que, como as ideias, a permeabilidade das ações são fluidas e difusas. Logo, um infinito número de possibilidades se apresentam e os *Think Tanks* cada vez mais se estabelecem como referenciais teóricos de influência do pensamento.

A análise de Teixeira (2007) deixa evidente o alcance e a significância da atuação dos *Think Tanks*.

O problema da busca pelo consenso na política externa a partir de um conteúdo relativamente cristalizado, uma função que se atribui aos *Think Tanks*, é o de inclinar os estadistas e grupos dirigentes a propor ao país “um grande projeto” mobilizador. (MILZA, 1996, p.380 Apud TEIXEIRA, 2007).

Nessa esteira, sem, contudo aprofundar o tema reconhecidamente polêmico Teixeira (2007), lança provocações aos analistas quando aborda os movimentos políticos decorrentes dos atentados de 11 de setembro de 2001, ocorrido nas Torres do *World Trade Center*, nos EUA.

Não seria a guerra contra o terrorismo justamente isso? Uma medida adotada a partir de um evento específico, eu estimula uma neurose coletiva e ecoa de maneira indeterminada pela sensação hiperbolizada de insegurança, e que funciona por se tratar de um país onde a segurança sempre foi uma condição dada e parte integrante da identidade nacional? (TEIXEIRA, 2007).

Com base nessas proposições o presente trabalho abordará, ainda neste capítulo, a análise de dois temas, quais sejam: globalização e ambientalismo. Tais temas se apresentam com as aludidas características que sugerem a presença de um viés dos *Think Tanks*.

#### **4.1 Agenda mundial**

Como aludido no capítulo 2 deste trabalho, a influência dos meios de comunicação no cotidiano dos indivíduos é marcante e se constitui em uma das maiores fontes de fornecimento de conteúdos para a formulação do pensamento. Não por acaso, o

poder caminha *pari passu* às concentrações midiáticas responsáveis pelo controle quase monopolista das grandes corporações de comunicações.

A televisão que até a década de 90 ocupava uma posição quase inabalável de maior meio de comunicação de massa do planeta vem, perdendo espaço para outros tipos de mídia principalmente a internet.

O fato suscita dois tipos de análise. Do ponto de vista do controle dos conteúdos, não se verificou alterações de monta, pois ao passo que a visibilidade das emissoras de TV foi diminuindo, as grandes corporações de comunicação migraram também seus ativos para as novas mídias emergentes e, paralelamente, foram incorporando empresas de porte menor. Por outro lado, diversificar as mídias abre espaço para o surgimento de novos atores.

Destarte, se a análise estiver focada na internet, um novo ator tem sua relevância acrescida, o público de maneira geral. A ênfase nesse perfil de usuário implica novos desafios. As relações entre população e poder ficam diametralmente afetadas e não se pode mais pensar o mundo sob a mesma ótica do século XX.

Assim, faz-se necessária atenta leitura e análise das pautas propostas em uma agenda global que, fruto do anarquismo que impera no sistema internacional, formalmente não possui um ator dominante, mas que na prática das relações interestatais fica bem clara a ascendência dos EUA.

Logo, este estudo pretende selecionar dois tópicos para análise, confrontando suas justificativas teóricas para a inclusão na pauta das agendas mundiais e alguns contrapontos que levem o leitor à reflexão.

#### 4.1.1 – O Papel dos *Think Tanks*

A importância de rever os valores norte-americanos fundamentais, que sedimentam em parte o que muitos autores reconhecem como a América Profunda formada na moral puritana, fervor patriótico e intenso nacionalismo, e acabaram por pautar os valores do Ocidente, está diretamente ligada a uma hipótese desta investigação: a de que os think tanks funcionam como ponta de lança para a disseminação e preservação dos interesses nacionais norte-americanos, considerando-se o inconsciente coletivo, crenças, constructo e arcabouço mental, as “vigências sociais”, enfim., com os quais são inequivocamente criados e graças à simbiose entre pensadores e centro decisórios. (TEIXEIRA, 2007, p.59).

Poderíamos entender numa visão minimalista que essa postura seria uma mera busca do poder pelo poder, porém há uma justificativa de origem histórica, (engendrada ou não) que corrobora essa suposta presunção de poder. Berlin (2005) analisa: “o que eu sou é, em grande parte, determinado pelo sentimento que eu sinto e penso; e o que sinto e penso é determinado pelo sentimento e pelo pensamento dominante na sociedade a qual pertencço.”.

Essa afirmação é tão contundente que não afeta somente o povo estadunidense e seus políticos, afeta também povos que absorvem esse conceito, incorporando o chamado *American way of life*, que nasce de certa forma do que chamou Schlesinger (1992) de “credo americano”. Segundo o qual haveria uma crença na virtude, perfectibilidade, retidão nacional e no destino providencial dos EUA como potencialmente predestinado a liderar e conquistar novos horizontes. Indo além, seria um dom excepcional, um sentido de destino e diferença em relação ao restante do mundo, e a certeza de que a república americana seria o exemplo a ser seguido pelos demais no globo.

Possivelmente, dessa presunçosa visão, algumas das inúmeras situações em que se deparou ao longo da história, fez com que uma horda de inimigos viesse a confrontá-lo nessa trajetória de conquistas, vide Vietnã, Somália e mais recentemente os ataques ocorridos contra as torres gêmeas.

Essa transfusão de valores que se inicia a partir da República em 1776, se materializa na forma eficaz com que os valores estadunidenses são transmitidos. Paira uma

névoa, dando a impressão de que se reedita o que Negri e Hardt denominaram como, o retorno do Império, originado na expansão político-econômica que marcou os primórdios do século XX, marcados nitidamente pelas consequências das duas grandes guerras mundiais (1914-1917 e 1939-1945).

“esse idealismo preconiza a construção e o controle da ordem mundial por meio de cooperação democrática e disseminação de valores (como a liberdade), visando a estabilidade do sistema internacional para garantir a segurança, prosperidade e possibilidade de expansão americana isolacionismo e unilateralismo, sistema americano e esfera regional, e portas abertas. (PECEQUILO, 2003, p.78)

Nota-se que desde a formação do conceito de Nação, existe uma estruturação de poder que envasa os preceitos e atitudes de seu povo. A firme crença de que a Nação estadunidense dispõe de características de liderança natural e ascendência sobre os demais povos; que essa característica precisa ser internalizada pelos demais povos; que se faz necessária a perpetração de ações práticas de convencimento, quer pela força quer pelas ideias; e que o Estado e sua superestrutura possui ferramentas de implementação dessas vontades. Os *Think Tanks* estão dentro de um grupo de ferramentas coercitivas ou persuasivas do Estado.

Como aludido no início do capítulo, TEIXEIRA (2007) sugere uma apreciação sobre os atentados ocorridos nos EUA que culminaram com a queda dos dois prédios do World Trade Center e a possibilidade de exploração política decorrente. Segundo essa análise todo um desdobramento de fatos minuciosamente pensados e com os seus devidos interesses evidenciados, assume papel de relevância para grupos ou a opinião pública como um todo fazendo parte das pautas de discussões em fóruns diplomáticos representativos.

Para corroborar essa abordagem serão analisados dois temas que apresentam similar caracterização de aspectos modulares, com um viés teórico pautado em trabalhos de atores estatais ou não, que atuam como *Think Tanks*.



#### 4.1.1.1 – Globalização

O tema é tão complexo que permite a abordagem por diversos prismas.

A “globalização” esta na ordem do dia. Uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados”- e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999, p.9)

O discurso do senso comum nos induz a crer que ao se citar globalização, um mundo conectado, com oportunidades partilhadas e em que cada pessoa pode ter acesso ao que pertence à coletividade do planeta, está ao alcance de todos.

A realidade mostra-se bastante diferente. A promessa surgida quando se cunhou o termo, talvez sugerisse isso, mas o que se vê é que a globalização não chegou para todos. Não há como se pensar nesse conceito quando o que se vê é concentração de renda, desigualdades socioeconômicas contrastantes. Por vezes, em um mesmo bairro de qualquer cidade do globo, miseráveis transitam em meio aos abastados. Então a quem serve esse discurso?

Conforme descreve Ramonet (2003), o termo foi cunhado nos corredores de Bretton Woods, quando se estabeleceram as instituições que em tese dariam a sustentação para esse pensamento de universalidade e cooperação entre os povos: Seguindo em sua análise: “[...] o FMI, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio, passaram a ser os porta-vozes da política do pensamento único, favorável ao processo da globalização.”

A lógica da globalização, que de certa forma é perversa, estabelece igualdade de condições para os desiguais, logo, só os mais fortes e capacitados sobrevivem. Estados falidos

não recebem as mesmas concessões de créditos se comparados a Estados em que as condições de previsibilidade do retorno do investimento possam ser mais claras.

Ocorre o que Ramonet chamou de darwinismo econômico, e nessa esteira o mercado é intransigente com os inadaptados.

Destarte, fica evidente que o discurso da globalização é falacioso e trata-se de mais um tema inserido na agenda global que não possui respaldo na prática. Globalização é muito mais do que acessar um smartfone de um casebre de barro. Suscita fundamentalmente partilhar de maneira equivalente das mazelas e das benesses de um mundo que evolui, mas que não consegue distribuir o que produz.

Com o texto de Bauman a seguir, o tema globalização será encerrado nesta seção do trabalho:

Todas as palavras da moda tendem a um mesmo destino: quanto mais experiências pretendem explicar, mais opacas se tornam. Quanto mais numerosas as verdades ortodoxas que desalojam e superam, mais rápido se tornam cânones inquestionáveis. As práticas humanas que o conceito tentou originalmente captar saem do alcance da vista e são agora os “fatos materiais”, a qualidade do “mundo lá fora” que o termo parece “esclarecer” e que ele invoca para reivindicar sua própria imunidade ao questionamento. (BAUMAN, 2000b, p.86).

Diante das incongruências e distorções visíveis no planeta, construiu-se um conceito na forma de ideia- força com potencial de ampliação dos benefícios decorrentes de um mundo globalizado, porém não desprezando e enfocando uma temática mitigadora que atenua as inúmeras mazelas. Eis o papel dos *Think Tanks*.

#### 4.1.1.2 – Ambientalismo

Algo similar aos assuntos supracitados o ambientalismo é tema recorrente em fóruns internacionais, estando constantemente envolto em polêmicas. As bandeiras desses movimentos políticos, em grande parte, são deflagradas por Organizações Não

Governamentais (ONG) ou pessoas que individualmente encampam tais ideias, em nome de um suposto bem comum e, em defesa de toda uma coletividade mundial.

No compasso das polêmicas, diversas mensagens subliminares são engendradas no contexto dos discursos, assim como teses sem a devida fundamentação científica, são propaladas como verdades absolutas e incontestáveis.

O discurso de preservação da natureza a todo custo, repercute muito bem nos fóruns de discussões, pela sua natural aderência, e sustenta a tese do biocentrismo como ideia-força de uma grande operação psicológica no nível político global. Ao considerar o ser humano como apenas mais uma das espécies da biosfera, essa teoria minimiza o papel diferenciado do homem, limita o progresso da ciência e da ampla exploração sustentável dos recursos naturais e se fundamenta como arcabouço político em defesa de interesses corporativos e estatais.

Os defensores das teses ambientalistas procuram organizadamente construir uma rede de adeptos e lançam mão de todos os recursos disponíveis para consecução dos seus intentos, buscando ocupar os espaços apropriados para o debate.

Como exemplo de defensor da bandeira do ambientalismo, o ex vice presidente dos EUA Al Gore, respaldado pelas suas palestras, pelo Oscar de melhor documentário do ano de 2006 e pelo prêmio Nobel da Paz obtido no ano de 2007, despontou como autoridade no assunto ambientalismo, uma de suas plataformas de governo na campanha derrotada para presidência dos Estados Unidos da América no ano de 2000.

Muito embora não exista até hoje consenso no meio acadêmico de que seus argumentos possuam fundamentação científica, é no mínimo prudente que se tenha atenção a Falácia da Autoridade, tão comumente verificada em fóruns em que se tenha pouca profundidade nas análises.

De fato, o que se tem de concreto são os dados referentes ao ilustre interlocutor: autor de três livros na área afeta ao meio ambiente, em especial ao aquecimento global, formado em Harvard, recentemente associado em projetos de fundo ecológico com o bilionário do meio de comunicações e empresas de transportes aéreos e terrestres, Richard Branson, Al Gore preside ainda uma instituição que possui 5 milhões de entidades afiliadas ao redor do mundo.

Ainda nesta análise, causa espécie a postura de defesa intransigente do meio ambiente demonstrada pelo senhor Al Gore em contraposição à postura do país em que foi vice-presidente, notadamente uma dos maiores poluidores do planeta e que se recusou a assinar o Protocolo de Kyoto, documento que visava a redução global da emissão de gases. Fica a questão: quais seriam os verdadeiros interesses de quem defende o ambientalismo nesse viés antidesenvolvimentista?

Interligando conceitos desenvolvidos no escopo deste trabalho, depreende-se que o exemplo apresentado, pela absoluta falta de uma fundamentação científica, porém guardando alguma lógica que o sustente, possui os requisitos necessários para a construção de um planejamento de impacto global, compatível com as ideias-força produzidas por “*Think Tanks*”.

O público alvo de ações desta natureza pode ser a opinião pública de forma geral, ou até políticos dos altos escalões nos Estados são sensibilizados a acreditarem nas teses, ao ponto de instruírem suas políticas públicas com bases nesses argumentos, muitas vezes falaciosos e manipulados. Como exemplo, é possível acessar o programa para o meio ambiente da prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por intermédio do seu sítio digital, e lá será possível encontrar o planejamento, fundamentado nas teses de Al Gore.

No ano de 2012, um relatório circunstanciado foi encaminhado por representantes acadêmicos possuidores de mestrado e doutorado na área ambiental, de diversas

Universidades brasileiras, contestando veementemente as teses alarmistas referentes aos efeitos da ação humana na natureza. A preocupação recorrente é que as políticas públicas de um estado e, em particular, o estado brasileiro, não deveriam estar pautadas em uma agenda global que não corresponda a realidade dos fatos. Nesse relatório que se encontra na íntegra anexado a este trabalho (Anexo B) são apresentadas as justificativas técnicas que contestam diversas especulações, cujas comprovações científicas não são suficientemente plausíveis e verossímeis, como alegam os ambientalistas do biocentrismo.

Com um extrato do documento encaminhado a Chefe de Estado e de governo do Brasil, Excelentíssima Senhora Dilma Houseff, , no ano de 2012, por alguns profissionais especialistas no assunto, esse tema será encerrado no presente trabalho, sabendo que não carecia de maior aprofundamento, posto que o objetivo foi apenas chamar a atenção para um tema que entre vários pode ser manipulado e inserido na pauta das agendas mundiais. Com a propriedade e investido pela falácia da autoridade o Senhor Al Gore brada em suas palestras que somos todos responsáveis, quando na verdade, a produção de gases nocivos oriundos diretamente da população, não corresponde a 20% da contribuição total.

Em uma recente reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, a senhora afirmou, oportunamente, que a fantasia não tem lugar nas discussões sobre um novo paradigma de crescimento – do qual a Humanidade necessita, de fato, para proporcionar a extensão dos benefícios do conhecimento a todas as sociedades do planeta. Com igual propriedade, a senhora assinalou, também, que o debate sobre o desenvolvimento sustentado precisa ser pautado pelo direito dos povos ao progresso, com o devido fundamento científico. (SUQUIO *et al.*, 2012)<sup>25</sup>

Um alerta se faz oportuno, pois esta mesma bandeira do biocentrismo, enquanto encobre interesses escusos, afronta significativamente a soberania dos povos, ao designar suas riquezas hidrominerais, biomas e subsolo, entre outras, como patrimônios da humanidade.

Portanto, supostamente bens comuns que devem ser partilhados e controlados por uma

---

<sup>25</sup> O documento foi produzido e assinado por uma série de profissionais de diversas instituições de nível superior do Brasil, além de profissionais de institutos especializados no assunto.

instância global.

Com efeito, tanto o tema Globalização quanto o ambientalismo estabelecem estreita ligação com reflexos no aparelho militar dos Estados. Forças Armadas ao redor do mundo são instadas a constituir Forças de Paz sob a égide da Organização das Nações Unidas ou de alianças militares, para fazer face aos problemas de populações deslocadas, catástrofes ambientais em áreas de grandes aglomerações humanas e disputas territoriais em torno da soberania sobre os recursos hidrominerais.

## 5 OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Dentre as diversas definições para o tema, foi selecionada por melhor enquadramento na linha de pesquisa deste autor a apresentada pelo então major do exército dos EUA Steven Collins<sup>26</sup> a doutrina de guerra dos Estados Unidos da América (EUA), intitula as operações desta natureza como sendo, Operações de Gestão da Percepção ou PSYOPS. A gestão da percepção inclui todas as ações usadas para influenciar as atitudes e o raciocínio objetivo das opiniões públicas estrangeiras e consiste em: Diplomacia Pública, Operações Psicológicas (PSYOPS), Informação Pública, Decepção e Ação Encoberta. (COLLINS, 2001).

### 5.1 Operações Psicológicas ao longo do tempo

Temístocles, após escolher os melhores navios a vela dos atenienses, foi até o lugar onde havia água potável e gravou inscrições nas pedras que no dia seguinte os jônios leram ao chegarem a Artemísio. As inscrições diziam: “Homens da Jônia, fazeis mal ao combater vossos pais e ao auxiliar a escravizar a Grécia. Vinde, pelo contrário, juntar-vos a nós, ou então, se isto for de todo impossível, retirai vossas forças da luta e convencei os carianos a fazerem o mesmo. Mas, se nada disto puderdes fazer e estiverdes premidos por uma necessidade muito grande, quando em combate conduzi-vos propositadamente mal, lembrando-vos que descendeis de nós e que a hostilidade do inimigo contra nós originou-se inicialmente por vossa causa” (LINEBARGER, 1962, p.43).

O estudo sistematizado das Operações militares com frequência limita-se à análise dos níveis de condução da Guerra Estratégico, Operacional e Tático. O nível político, invariavelmente, em que pese a reconhecida submissão dos demais, é abordado como um farol ao planejamento mas ainda pouco estudado.

---

<sup>26</sup> O Tenente-Coronel Steven Collins foi o chefe das PSYOPS na Divisão de Operações do Quartel-General Supremo das Potências Aliadas na Europa (SHAPE) em Mons, Bélgica.

No contexto global, exemplos históricos de campanhas militares tiveram em algum momento um viés voltado para as ações psicológicas, como as conquistas de Alexandre da Macedônia, que mantinha representantes de sua confiança nas terras encampadas, com o propósito de difundir idioma, culturas e hábitos dominantes.

A Primeira Guerra Mundial pode ser considerada o marco do emprego sistemático e metodológico das Operações Psicológicas. (LINEBARGER, 1962).

Por fim apenas para completar a tríade de exemplos históricos, pontuando momentos marcantes da história da humanidade, em que as Operações Psicológicas foram destacadas.

Como exemplo usualmente referido de operações psicológicas na 1ª Guerra Mundial, está o uso de fotografias de pedaços de cavalos mortos que estariam sendo levados para uma fábrica para serem transformados em óleo e sabão. Um oficial de serviços secretos substituiu a legenda da foto pelo texto: “Cadáveres de soldados sendo levados para uma fábrica de sabão”, enviando-a para a imprensa (MATTELART, 1994, p.59)

Um órgão vinculado ao gabinete do Secretário de Defesa Americano expediu um relatório no qual apresentava algumas conclusões após uma operação militar:

“Após a Somália, ‘os corações e mentes’ a serem conquistados ao montarmos essas operações não são apenas aqueles no país em questão – o alvo tradicional das operações psicológicas. Eles agora incluem, talvez até de forma predominante, os corações e mentes do povo. ()

Na Operação Iraque Freedom (2003), segundo Collins (2003), a saturação da área de conflito com produtos de Operações Psicológicas, explorando todos os tipos de mídia, foi marcante. Como exemplo, o envio de e-mails para os responsáveis por decisões-chave, parece ter tido um impacto importante.

Apesar da cobertura televisiva da Guerra do Iraque ter sido maior do que a da Guerra do Golfo, em 1991, o rádio ocupou lugar de destaque neste episódio da história mundial do século XXI. A Rádio Tikrit, por exemplo, foi uma emissora clandestina adicionada no arsenal patrocinado pelos Estados Unidos. Inicialmente, aparentava ser pró-Saddam, mas em duas semanas mudou. (COLLINS, 2003,p.39).



O uso de rádios clandestinas com a finalidade de propagação de conteúdos de operações psicológicas foi amplamente utilizado contra as bases do partido de Saddam visto que, segundo a leitura dos líderes estadunidenses, ali residia uma vulnerabilidade crítica das forças iraquianas pautadas na figura do seu líder máximo, Saddam Hussein.

## 5.2 Conceitos

Com o objetivo de proporcionar parâmetros de comparação e, por conseguinte, embasamento para a estruturação de um marco teórico afetos a uma doutrina de Operações Psicológicas, aplicável à Marinha do Brasil, serão apresentados alguns conceitos adotados por unidades militares de outros países, senão vejamos:

[...] todos os procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos e/ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis. Glossário das Forças Armadas.

Destaca-se neste conceito presente no Manual do Ministério da Defesa, a ideia de que as Operações Psicológicas são operações de apoio; intemporais e voltadas para qualquer público.

A Doutrina Básica da Marinha classifica as Operações Psicológicas como Operações de Guerra Naval, no seu item 3.4.13, definindo-a como sendo

A operação que compreende as atividades políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos (inimigos, hostis, neutros ou amigos) emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução dos objetivos nacionais. Contemplam medidas preventivas, desencadeadas em caráter permanente, que têm como efeito desejado o impedimento do emprego prematura da força e o impedimento ou a dificuldade da eclosão e do agravamento de uma situação de perturbação da ordem. Normalmente abrangem atividades de preparo de tropa, inteligência e comunicação social.

Segue-se a definição para o Exército dos Estados Unidos da América, onde Operações Psicológicas são:

[...] programas de produtos e ações planejados para transmitir determinadas informações e indicadores a públicos estrangeiros com o objetivo de influir nas suas emoções, atitudes, opiniões e, particularmente, no comportamento de governos, organizações, grupos e indivíduos não pertencentes aos EUA.

Destaca-se que para os EUA das Operações Psicológicas são voltadas exclusivamente para o público externo ao país; e que seus objetivos podem estar voltados para governantes de outros Estados.

Para o Equador, Operações Psicológicas são:

[...] atividades específicas, planejadas, que utilizam a persuasão, realizando Ações e Guerras Psicológicas nos diferentes públicos alvos com o propósito de apoiar o sucesso dos objetivos do poder militar e dos objetivos nacionais. Incluem ações militares, econômicas, políticas e psicossociais planejadas e executadas pelos poderes que integram o poder nacional, para criar nos auditórios inimigos, neutros e amigos as atitudes e comportamentos favoráveis.

O enfoque é amplo quanto ao propósito e, abrangente quanto ao público-alvo, pois, não o distingue se interno, externo ou neutro ao país. Destaca-se o fato de ser considerada uma operação de apoio.

Para o Exército Peruano são descritas como:

[...] o conjunto de atividades psicológicas (políticas, militares, diplomáticas, econômicas e psicossociais, etc.) desenvolvidas com a finalidade de produzir uma mudança ou reforço de uma conduta, atitude, sentimento, emoções e opiniões de um público-alvo com um fim determinado.

O Peru é um dos poucos Estados que incluiu na sua Doutrina Militar as ações diplomáticas como integrantes da sua Política de Defesa e expressa essa atuação no conceito de Operações Psicológicas.

O conceito colombiano não se distingue muito dos demais já apresentados:

[...] a estratégia planejada e dirigida para a utilização de um conjunto de elementos tais como propaganda, meios de comunicação e outras formas de ação psicológica, empregados por quaisquer das forças em conflito com o propósito de influir na vontade, atitude e comportamento das próprias tropas, grupos da população e membros das forças hostis com o fim de obter êxito no desenvolvimento do conflito.

Apresentadas as formas como alguns Estados se posicionam diante das Operações Psicológicas, chega-se a conclusão que um consenso é passível de se obter, com a análise dos macro objetivos que, invariavelmente, afetam a forma de agir e de pensar do público-alvo.

Uma abordagem interessante para os propósitos da análise de uma doutrina de Operações Psicológicas no Nível Político foi a apresentada pelo Estado peruano que inclui a diplomacia nos conceitos militares.

Diante desses conceitos, é possível perceber a existência de um objetivo único: a mudança de comportamento do público-alvo. Segundo Brant (1967), as Operações Psicológicas consistem essencialmente na produção de mensagem com o propósito de abalar a moral do inimigo e abreviar as operações bélicas. Ou, de acordo com Linebarger (1962), visa obter vantagens militares sem a utilização da força física.

Da análise desses conceitos, nota-se a dificuldade para definir com precisão o que se espera de uma Operação Psicológica.

### **5.3 Perfil dos conflitos no século XXI**

Com o fim da guerra fria e a falta de um inimigo declarado, os estados hegemônicos, Estados Unidos da América e União Soviética, tiveram que buscar novos rumos políticos e estratégicos. A União Soviética, em função da fragmentação política e econômica buscou em uma menor proporção. Porém no caso dos EUA, as pressões decorrentes do sentimento de que é uma Nação que surgiu para liderar e comandar a ordem mundial o impele

para a tomada das iniciativas das ações (SCHLESINGER, 1992, Apud TEIXEIRA, 2004). Faltava um bom motivo para que se mantivesse como protagonista e ativo no cenário internacional. Os incidentes nas torres gêmeas e no pentágono foram providenciais para a consecução desse propósito.

As nuances presenciadas nos diversos conflitos armados ao longo da história, sempre foram grandes estímulos para pensadores, aguçarem suas definições, conceitos e abordagens, sobre o fenômeno da guerra. Assim, o chamado Conflito de 4ª Geração (4WG), apresenta-se como um rico campo de estudos, mercê das impactantes inovações que foram proporcionados pelos avanços tecnológicos.

É preciso que fique claro que inovações tecnológicas sempre ocorreram, e as guerras foram grandes colaboradoras dos avanços que, com frequência, revertiam de forma dual para o restante da sociedade.

O processo de transformação por que passa o mundo, marcado pelo início da Era das Tecnologias de Comunicação e Informação, iniciadas nos anos 60, difundiu-se de forma desigual por todo o globo. Com efeito, as sociedades ditam o ritmo do seu desenvolvimento tecnológico, com base nos interesses de seus usuários, valores culturais e suas necessidades hierarquizadas. Logo, estar atualizado e desenvolvido tecnologicamente é o requisito mínimo para que um estado possa alcançar patamares mais elevados de organização social pautada em redes.

O que certamente diferencia as ocorridas no final do século XX até os dias atuais, das demais evoluções, é que definitivamente, a Tecnologia da Informação traz consigo um enorme potencial de desenvolvimento estrutural transformador, com elevado valor econômico e científico agregado.

Do ponto de vista da informação e do conhecimento, essas não constituem o diferencial dos dias de hoje, pois já se viam presentes em outras épocas. A organização em

redes não é novidade, o que a difere no século XXI, é justamente o fato de estarem pautadas em microtecnologias e recursos científicos, altamente complexos e elaborados, que fornecem novas capacidades para as coisas antigas, das quais dispunham as sociedades (CASTELS, 2005).

Como aludido no Capítulo 2 deste trabalho, onde se retrata a forma com que se deu a construção da opinião pública e o próprio papel do indivíduo na formação da sociedade, viu-se que ocorreu uma evolução e uma transformação gradual de uma sociedade que privilegiava a organização de suas macroinstituições para uma sociedade privada.

Por restrições estruturais, paradoxalmente, as organizações em rede emergiam com um enorme potencial de transformação, dadas as suas características de flexibilidade e adaptação às variações sociais, porém com limitada capacidade de maximizar suas capacidades para projetos mais audaciosos e de maior complexidade. Historicamente esse tipo simples de organização era moldável às organizações privadas, cabendo às estruturas de poder político e militar, as organizações de porte mais elevados e verticais, como: estados, igrejas, exércitos e as empresas que controlavam grandiosos recursos materiais e financeiros, direcionados para objetivos específicos. (CASTELLS, 2005).

No entanto, o que temos hoje são redes com potenciais infinitamente maiores do que as de outrora, proporcionadas por características de permeabilidade, autogerenciamento, coordenação e dificuldade de rastreabilidade. Tudo isso a partir de plataformas ágeis e descentralizadas que permitem uma velocidade inimaginável de ações. (CASTELLS, 2005).

Por diversos fatores, entre os quais a extrema dependência digital e as interconexões marcantes no século XXI, as vulnerabilidades críticas dos Estados se exacerbam e crescem de importância. Torna-se lícito creditar similar importância às redes de comunicação digital para o século XXI, como foram as redes de potência (energéticas), como definiu o historiador Thomas Hughes, para a sociedade industrial.

O Combate Assimétrico, característico da Guerra Irregular, é consensualmente considerado por analistas militares de diferentes países como o Conflito Armado do Século XXI.

Torna-se cada dia mais improvável se imaginar uma guerra nos moldes que a humanidade já presenciou. As próprias Operações Militares com propósitos independentes parecem estar com os dias contados, dada a complexidade e necessidade de eficácia, eficiência e um reduzido número de baixas.

Como citado no início do trabalho, uma das tendências são as chamadas operações de apoio à informação que congregam uma série de núcleos, com um propósito unificado desde o planejamento até a execução. Modelo inclusive que já se encontra sendo empregado pelo Exército Brasileiro. Tais atividades englobariam as operações de informação, guerra eletrônica/cibernética, operações especiais e quantas mais estiverem discriminadas na doutrina da força.

[...] uma guerra travada através (sic) de meios não-militares - insere-se nas táticas da guerra assimétrica, conforme aparece na obra "Guerra Sem Limites" (sic) dos coronéis Qiao Liang e Wang Xiangsui. [...] as observações da evolução dos conflitos depois de 1991 (e inclusive algumas práticas já existentes no âmbito da Guerra Fria) ganham uma contextualização ampla, surgindo como um embate planetário pela hegemonia mundial, travado com meios militares (só se necessário e em última possibilidade), com militares não-convencionais e com outros meios (uma larga e nebulosa expressão), não militares, de forma permanente. (SILVA, 2004, p.125).

#### **5.4 Guerra de quinta geração**

Estrategistas militares na busca de tornar mais compreensível a dinâmica das guerras, demandam seus tempos na tentativa de esclarecer, desvendar e esmiuçar, como se estrutura um dos mais complexos fenômenos sociais do planeta. Considerando-se mais recentemente as novidades tecnológicas, o novo modo fluido como os indivíduos estão se relacionando com o tempo e o espaço e a maleável disputa política, haveria uma grande

probabilidade de acerto se um desses analistas decidisse afirmar que não há como se delinear contornos em um conflito.

O aparato tecnológico é o grande diferencial do século permitindo que as estruturas em rede, muito mais flexíveis e leves, equiparem no campo de disputas um desequilíbrio marcante. Cada vez, menores, mais precisos e acessíveis, esses aparatos mudam o perfil do combate com um simples movimento. As guerras pautadas em operações de informações vêm dando espaço para operações de comunicações estratégicas apoiadas por ações terrorista e guerrilheiras, lançando mão de todas as redes: políticas, econômicas, sociais e militares. O público alvo é bem definido os políticos e os líderes responsáveis pelas tomadas de decisão, cujo interesse é que sejam desestimulados nos seus intentos provando que os objetivos são custosos e inalcançáveis. (HAMMES, 2007, p.17)

Pelo simples fato desta modalidade de guerra aludida, envolver todo o aparato de rede integrada de um Estado, corrobora-se a afirmativa de que operações realizadas de forma isoladas tendem ao fracasso. Como afirma Hammes “O conceito chave na Guerra de quarta Geração é de que os oponentes tentarão atacar diretamente as mente dos inimigos responsáveis pela tomada de decisão” (HAMMES, 2007, p.17).

O fato de se analisar as novidades tecnológicas levadas aos campos de batalha, que podem nos levar a uma nova geração de guerras, é preciso que se esclareça que uma nova geração de guerra não surge para substituir a anterior, ela se soma. Nesse sentido, cada vez mais as multifacetadas situações ganham poder de combate e flexibilidade para se montar um novo cenário de conflito.

A guerra de quinta geração é aquela que incorpora todas as tecnologias das anteriores, porém incorpora descentralização, tecnologia mais avançada ainda e com um sistema que não é mais somente uma plataforma de armamentos, é um meio híbrido, dual, possível de ser encontrado em qualquer parque ou shopping center, manuseado por um ou

dois indivíduos, sem um perfil de idade para executá-lo. A biotecnologia e a nanotecnologia surgem como as novidades do momento.

O poder crescente de pequenos grupos cujos avanços não são alcançáveis por estruturas mais complexas como os Estados, abre janelas de oportunidades extremamente perigosas. Como descreve o Coronel Thomas Hammes do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, “as tendências políticas, econômicas e sociais apontam para a emergência de indivíduos extremamente poderosos ou pequenos grupos unidos pela devoção a uma causa mais do que a uma nação”. Algumas armas químicas têm seus insumos acessíveis em farmácias populares, bem como armas neo-concepcionais e seus empregos “neoconcepcionais” com descreveram os Coronéis Chineses Liang e Xiangsui (1999), na sua obra Guerra Além dos limites, foram vistas em ação por ocasião dos ataques de 11 de setembro. Enfim, o mundo tem hoje uma dinâmica que não mais pode deixar surpreso nem os mais inocentes analistas. Não faltam motivações e motivos.

### **5.5 Análise da estrutura de Operações Psicológicas no Brasil**

Em que pese não ter sido possível apontar grandes avanços no preparo e emprego das atividades de operações psicológicas no nível político, foco principal deste trabalho, observa-se alguma movimentação no nível estratégico com algumas iniciativas do Ministério da Defesa e das Forças isoladamente.

No Brasil, o Exército é a força que está mais avançada no tema, possuindo uma estrutura formada e com pessoal qualificado para atuar no setor. As iniciativas na Marinha do Brasil se restringem ao Corpo de Fuzileiros Navais, em que pese muito incipientes ainda e, na Força Aérea o contexto não se encontra muito diferente.



Soa óbvio que o combate alimenta a doutrina para que esta se mantenha constantemente viva e útil. Nessa esteira, os EUA despontam com uma doutrina flexível e adaptada ao estado da arte no que diz respeito às Operações Psicológicas, como são denominadas estas operações de caráter de manipulação da opinião Pública. Sua estrutura compreende e atende ao espectro da guerra moderna, e os atores envolvidos não se prendem a uma única vertente. Assim como, nos combates atuais a estrutura de Operações Psicológicas abrange o emprego combinado de elementos de diversas áreas de conhecimento e se enquadram em um conceito denominado atividades de apoio à informação.

Particularmente no que concerne às conceituações do EMA-305 - Doutrina Básica da Marinha, nota-se que as Operações de Guerra Naval buscam “classificar suas operações de modo que o caráter geral dos seus propósitos concorram de alguma forma para a execução das Tarefas Básicas do Poder Naval” (EMA-305, 2014, p.3-1). Por sua vez, conforme define a supramencionada publicação, as Tarefas Básicas do Poder Naval são: negar o uso do mar ao inimigo; controlar áreas marítimas; projetar poder sobre terra; e contribuir para a dissuasão.

Destarte, é lícito supor que, dentre as tarefas supracitadas, o viés que se configura as Operações Psicológicas, alinha-se com apenas uma das tarefas, qual seja, contribuir para a dissuasão. Entretanto, percebe-se a carência de um tipo de definição de operação que congregue as características presentes nas Operações Psicológicas. Como proposta, e subsídios para debate apresenta-se uma sugestão de reformulação do EMA-305, no que diz respeito às definições das Operações de Guerra Naval, a criação das Operações de Apoio à Informação. Tal conceituação englobaria as Operações Psicológicas, as Operações de Inteligência, as Operações Civis-Militares e as Operações de Informação propriamente ditas. Em aditamento, propõe-se ainda a inclusão das Operações Cibernéticas, deixando essas de serem enquadradas como ações de Guerra Cibernética.

Essa última proposta decorre da importância do tema Guerra Cibernética no presente e futuro dos Estados, as consequências nos campos de expressão do Poder Nacional, decorrentes de ações nessa área, e da estreita inter-relação nos quatro níveis de decisão: Político, Estratégico, Operacional e Tático, no que tange ações nesse campo.

Uma sutil, porém significativa mudança proposta pelo presente trabalho é a do emprego do conceito de opinião pública, que é muito mais abrangente que o conceito de público alvo. Particularmente no Nível Político e no Nível Estratégico, as ações se reverberam num espectro muito mais amplo, se comparados os conceitos de público alvo e opinião pública. Sobremaneira, considerando-se a velocidade e amplitude que as comunicações, investidas de modernas tecnologias têm proporcionado, descortinando um campo de batalha com fronteiras exponencialmente flexíveis e vastas.

## 6 CONCLUSÃO

O processo de construção da opinião pública vem se alterando na conformação da história. Inicialmente, os indivíduos no Estado absolutista não possuíam relevância na vida pública, que se restringia à relação entre soberanos e súditos. O fundamento na teoria do direito divino não abria muitas possibilidades para outros que não o rei. Com a queda do absolutismo, a ascensão da burguesia e a paulatina introdução das relações entre público e privado, os então cidadãos desse novo Estado Nacional Burguês, criados a partir de Westfália, são trazidos à responsabilidade e passam a integrar a esfera de discussões e debates sobre a construção de uma sociedade ainda fragmentada, porém livre e baseada em leis.

Nasce o conceito de soberania que vai ensejar anos mais tarde a relação de produção capitalista na qual o indivíduo se vê responsável pela produção das riquezas do Estado e com ela o sentimento de nacionalismo.

A abertura dos meios de comunicação, em especial a imprensa, até então sob criterioso controle do estado, proporcionou um salto de qualidade nas relações que, começavam a prosperar na nova ótica capitalista. Amplia-se a alfabetização e a opinião pública se qualifica diante dos indivíduos e o estado.

A busca por melhorias é uma constante e neste mister o indivíduo passa a ser o alvo das mudanças. A ótica racional dá espaço a sentimento de prosperidade que fica materializado na expressão de que a razão deve ser escrava das paixões.

Adorno e os pesadores da Escola de Frankfurt apresentam importante contraponto aos ideais da indústria cultural que se origina da distorção de valores de uma burguesia que surgiu ao lado do povo, mas que já se via seduzida pelos bastidores do poder.

A opinião pública é manipulada, os conteúdos são propositadamente exibidos com a intenção de garantir o controle sobre as massas agindo na sua forma de pensar.

Surge o parlamento que de certa forma amplia o papel da opinião pública, ao passo que a política cada vez mais se aproxima da imprensa, tornando-a em pouco tempo alvo de críticas, por ser considerada um aparelho do Estado.

A indústria cultural com sua programação voltada para as massas, prepara o terreno para gradativamente ser incorporado o *soft power*, por meio da massificação de uma cultura hegemônica.

Fica evidente que o efetivo controle da informação, do acesso ao conhecimento e a produção do pensamento foram fundamentais para se alcançar os objetivos políticos não só do Estado Absolutista, no período entre os séculos XVI e XVIII, como também no estado burguês. Dada a magnitude da dominação e o longo período em que se manteve, ficam corroborados os argumentos de estreita relação entre poder e informação. Assim como há obviedade na análise de que a migração do controle dessa ferramenta de comunicação foi o estopim para a consolidação dos ideais burgueses da época.

No alvorecer do século XXI, os indivíduos experimentam a fluidez das relações que não permitem mais que se mantenha preso a amarras, lugares e sentimentos. É grande a sede por conquistas e é o querer que dá vida a realidade, conforme nos ensina Schopenhauer. A lógica de Foucault conduz ao entendimento que o ser humano é guiado pelo princípio da realidade.

O sentimento de emergência decorrente do salto de um século de extremo cerceamento, como foi o período entre os séculos XV e XVIII, para um século XXI em que a velocidade das ações é maior que a própria capacidade de produzi-las mentalmente, embute uma série de desafios para esse homem pós-moderno.

O cenário midiático de um mundo fluido com oportunidades e desafios na mesma proporção faz com que os indivíduos não tenham a exata noção do que procurar. Os sonhos se

esvaem e o grande *Big Brother* de Orwell mantém-se vivo. Os conglomerados de comunicações monopolizam em um restrito grupo de seis gigantes, para onde o nosso olhar deve se voltar. Com o domínio quase que total das diversas mídias: televisão, rádio, internet e até mesmo espaços alternativos, a penetração nesse universo das comunicações é fundamental para que se introduza a ideia força de um planejamento que descreva o projeto político de um Estado que quer conduzir mentes e destinos.

Diante do aparato necessário para atuar como um *global player* e ser protagonista como um grande e importante *Think Tanks*, ainda tem-se um enorme espaço a percorrer. Falta ao país infraestrutura e tecnologia autóctone, formação de pessoal e principalmente vontade política para criar projetos de Estado e não de governo, que se utilizem das Operações Psicológicas no Nível Político, como diversos Estados frequentemente executam, ao delinear as agendas mundiais.

Os espaços públicos de discussão do século XVIII, identificados por Habermas como importantes para o desenvolvimento do conceito de soberania continuam presentes e importantes, até os dias atuais, porém parece haver um grande distanciamento entre teoria e prática, além da falta de iniciativa para ocupá-los, no Nível Político.

As atividades típicas de comunicação social e relações públicas ainda deixam a mente impregnada, e muitos ainda confundem essas atividades, como ações de Operações Psicológicas. Em outras análises, as ações de comunicação social são consideradas complementares às Operações Psicológicas, o que para este autor soa incoerente, visto que não há um planejamento adequado no Nível Político, e o que existe no nível Estratégico e Operacional são iniciativas incipientes, isoladas e sem uma diretriz específica. Portanto, não há como se falar em ações complementares.

O trabalho não se propunha a sugerir uma estrutura de Operações Psicológicas para o país mas as pesquisas realizadas, principalmente nas referências documentais levam à

conclusão de que há muito o que se fazer e algumas iniciativas já vêm sendo tomadas pelo Ministério da Defesa, como a organização de seminários sobre o tema. Porém, acredita-se que o tamanho político do Estado brasileiro e suas pretensões suscitam a criação de uma estrutura governamental macro, supraministerial, com representantes de diversos ministérios sobre uma coordenação central que teria, inicialmente, a tarefa de propor uma política de Estado para o assunto. A partir desse documento, sugere-se o Ministério da Defesa, e somente dele emanariam as diretrizes ministeriais, cabendo às Forças Armadas e demais órgão que estivessem relacionados, organizarem o preparo e a estruturação dos seus setores internos que atuariam em conjunto, todos sob uma mesma doutrina.

Das proposições apresentadas como desafios ao estudo conclui-se que em linhas gerais a crítica de Adorno, ainda que radical, apresenta consistência no tocante à formação do pensamento. As variáveis externas e as reduzidas possibilidades de contrapontos minimizam a profundidade das análises. Ao se somar um mundo cada vez mais veloz, onde pouco se disponibiliza do próprio tempo para conjecturas, e o pensar sobre o que estamos fazendo das nossas vidas, o que temos é realmente um caldo cultural que tem pouco de nós e mais do que nos embutem, dentro da ideia de indústria de massa, com forte apelo ao consumo de coisas e de ideias.

Quanto à existência de uma opinião pública de essência, nessa mesma esteira, tende-se a crer que não exista. As indagações em busca dessa ideia tão desejada e quase consensual de opinião pública, são dirigidas para indivíduos que nem sempre estão aptos a responder aos questionamentos; nem sempre uma opinião expressa, apresenta um valor em si, podendo ter sido uma mera manifestação pós estímulo, que não respeitou o compromisso de estar alinhada com a verdade, nem mesmo com a real ideia que o indivíduo faz do tema; e por fim, nem sempre os questionamentos dizem respeito a todos. Por vezes pessoas são levadas à

manifestação sem sequer estarem incluídas no contexto da dúvida. Logo, ficam reticências sobre a amplitude da opinião pública.

Com base nas teses apresentadas parece que, conceitualmente, a opinião pública não dispõe de condições de analisar com amplitude os temas a que é submetida. Quando se amplia para a esfera pública poucas questões se aplicam em uma ampla abordagem. Logicamente que esta análise é meramente teórica e contou com significativa dose de abstração.

Foi bastante esclarecedora a apresentação do conteúdo da doutora Tatiana Teixeira em um estudo muito amplo, claro e transparente sobre os *Think Tanks*, permitindo assim, que o estudo mostrasse a forma de atuação desses importantes atores que estampam as principais páginas das agendas mundiais, como representantes dos interesses corporativos e/ou estatais, numa relação um tanto quanto distorcida, que privilegia interesses de quem os contrata, em detrimento da produção de conteúdos de interesse público.

A análise da estrutura de Operações Psicológicas existente hoje na Marinha do Brasil, particularmente no Nível Político de condução da Guerra, aponta que, nessa lide, se apresenta em estágio embrionário. Não há uma estrutura em funcionamento, na prática, que tenha condições de produzir um planejamento de Estado. As forças que deveriam atuar integradas em todas as fases do planejamento permanecem atuando de forma isolada e, a doutrina das Forças Armadas ainda não está consolidada junto ao Ministério da Defesa. Interessante a possibilidade da Diplomacia do país atuar integrada às forças militares, sobretudo no Nível Político, como foi constatada na estrutura de outros Estados analisados no estudo.

A formação da opinião pública possui um amplo espectro para exploração. A dependência dos meios de comunicação de massa é uma realidade. Entretanto, percebe-se que a internet é a ferramenta que deva receber a maior atenção, fruto do seu enorme potencial de

crescimento e pela acessibilidade e flexibilidade que proporciona. Como demonstrado durante o estudo, há uma gradual redução da participação da televisão como principal meio de entretenimento e informação, o que induz a pensar que em um curto período a internet venha a ocupar uma fatia maior do espaço destinado à divulgação de conteúdos. O planejamento das Operações Psicológicas deverá levar esse significativo fato em consideração.

Por fim, depreende-se deste estudo que a formação da opinião pública foi uma tese construída sob a égide de alguns instrumentos de poder, e caminhou ao lado do povo e do governo, tal qual um eixo estruturante da imprensa, que soube no balanço da história acompanhar suas variações, vulnerabilidades, peculiaridades e desejos. Seu papel na história da humanidade é reconhecido, valorizado e nos tempos modernos, em que detalhes podem fazer toda a diferença. Conhecer como mensagens podem e devem chegar ao conhecimento popular, tornou-se imprescindível a qualquer líder que tenha a pretensão de comandar um grupo e, pode decretar a vitória ou a derrota em uma guerra.

A abordagem do Nível Político, em que pese o claro entendimento da superficialidade com que foi tratado o tema, se comparado com a profundidade que o assunto merece, pretendia estimular não só o autor, como a quem mais se interessasse pelo conteúdo, a saber que existe ainda um universo de dúvidas, horas intermináveis de debates por vir e a certeza de que muito há para fazer.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AGUILLAR, Sergio Luiz Cruz. Comunicação social, propaganda, mídia e opinião pública no combate moderno. *A Defesa Nacional*. Rio de Janeiro, v. 792, n. 01/02, p. 97-112, jan/abr. 2002.

AMARAL, A. E. Maia. 1000 anos antes de Gutemberg. *Cadernos de biblioteconomia arquivística e documentação cadernos BAD*, número 002. Lisboa: Associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, 2002.

BAUMAN Zygmunt. *Em busca da política/ Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel*. - Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN Zygmunt. *Em busca da política/ Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel* - Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN Zygmunt. *Modernidade líquida/ Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien*. - Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas/ Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien*. - Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOBBITT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BONNET, Gabriel. *Guerras Insurrecionais e Revolucionárias*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1963. 268p.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. *Manual de Campanha: Operações Psicológicas*. 3.ed. Brasília, 1999.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005. 698p.

CLARK, Richard; KNAKE, Robert. Guerra cibernética: a próxima ameaça à segurança e o que fazer a respeito/ Richard A. Clarke; Robert K. Knake – Rio de Janeiro: Brasport, 2015.

CLAUSEWITZ, Von Carl. On War. Tradução para o inglês de Colonel J. J. Graham. 2.ed London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltda, 1911. 415p.

COIMBRA, Marcos. Corações e Mentes a influência nas Operações Psicológicas. Disponível em:<<http://www.samauma.bis/site/samauma/mc007operacoes.html>>. Acesso em: 14 maio 2008.

COLLINS, Steven. As conseqüências do Iraque: Gestão da percepção. Disponível em:<[http://www.nato.int/docu/review/2003/issue2/portuguese/art4\\_pr.html](http://www.nato.int/docu/review/2003/issue2/portuguese/art4_pr.html)>. Acesso em:22 abr. 2008.

COSTA, Carlos Augusto. A Segunda Guerra do Golfo. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 124, n. 04/06, p.25-37, abr./jun. 2004.

DELMAS, Claude. A Guerra Revolucionária. Tradução Marcio de Campos. Rio de Janeiro: Ed Press Universitaires de France, 1975. 122p.

FONTENELLE, Paula. Iraque: A guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. 7.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242p

FREUD, Sigmund. *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Rio de Janeiro: Imago, 1911.

FULLER, John Frederick Charles. *A conduta da guerra: estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra e em sua conduta*. Tradução de Hermann Bergqvist. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002. 332p.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAMMES, Thomas. *A guerra de quarta geração evolui, a quinta emerge*. *Military Review – set-out*, 2007.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. São Paulo: Cortez, 2005.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Guerra além dos limites: Conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização*. Pequim: PLA LITERATURE AND ARTS PUBLISHING HOUSE, 1999. 255p.

MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. São Paulo: Ed Contextos, 2008. 234p.

MAGNOLI, Demétrio. *História da Paz*. São Paulo: Ed Contextos, 2012. 448p.

MCCORMICK, J. *As raízes do ambientalismo*. In: *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992, pp. 21-41.

NYE JR., Joseph S. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. A política externa dos Estados Unidos. Continuidade ou mudança? Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

Peter Apps e Brenda Goh - Reuters consultado em 14 julho de 2015  
<http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE99D02G20131014>

RAMONET, Ignácio. Guerras do Século XXI: Novos temores e novas ameaças. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUBY, Christian. Introdução à Filosofia Política. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Eleições e (Idade) Mídia. *In*: BARROS FILHO, Clóvis (Org.). *Comunicação na pólis: ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 4059.

SCHLESINGER JR, Arthur M. Os ciclos da história americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O fim da guerra fria e a nova ordem mundial. Rio de Janeiro, 2007. Aula ministrada no Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores na Escola de Guerra Naval, em 24 de abril de 2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. O Mundo, uma Guerra Depois: as relações internacionais depois da guerra do Iraque-II. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 124, n. 01/03, p.109-139, jan./mar. 2004.

STONE, Diane. *Think Tanks traditions: policy analysis across nations*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

TEIXEIRA, Tatiana. Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA: arte de pensar o impensável. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2007.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América. Sentimentos e opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

---

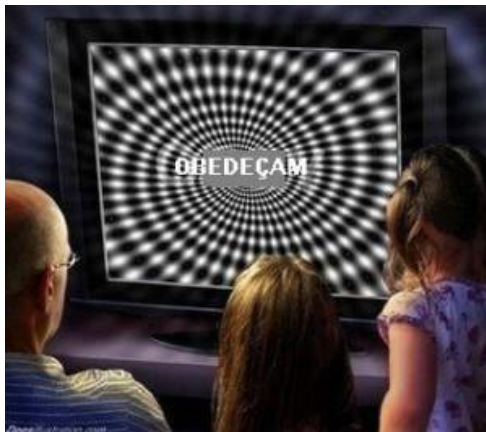
<http://www.colegioweb.com.br/guerras/guerra-do-golfo.html> guerra do golfo

## ANEXO A



# Mídia nos EUA: apenas 6 Corporações controlam a Informação.

Posted by [Thoth3126](#) on 23/05/2015



## Mídia dos EUA

As seis Corporações Gigantes que controlam e manipulam a (DES) INFORMAÇÃO.

*Em 1983, havia cerca de [50 corporações](#) que controlavam a grande maioria de todos os meios de comunicação nos Estados Unidos. Hoje, a propriedade da mídia jornalística*

**esta concentrada nas mãos de apenas seis-6 corporações de mídia incrivelmente poderosas.**

*Esses gigantes corporativos controlam a maioria do que assistimos, ouvimos e lemos todos os dias. Eles são donos de redes de televisão, canais de TV a cabo, estúdios de cinema, jornais, revistas, produtoras de filmes, editoras, gravadoras e até mesmo **de muitos dos nossos sites favoritos ...***

**{n.t.- Excerto do Post: “Anjos Caídos, The Watchers (os Vigilantes)”:** *Usaremos nossa mídia para controlar o fluxo de informações e o sentimento deles em nosso favor. Quando eles se insurgirem contra nós vamos esmagá-los como insetos, pois eles são menos do que isso. Eles serão impotentes para fazer qualquer coisa pois eles não terão armas. Suas mentes estarão limitadas por suas crenças e hábitos, as MESMAS crenças e hábitos que NÓS ESTABELECEMOS para suas vidas desde tempos imemoriais (desde o surgimento da Babilônia). Usaremos todas as ferramentas que temos para fazer isso. As ferramentas serão fornecidas pelo trabalho deles. Vamos torná-los inimigos entre si e que odeiem seus vizinhos. Nós iremos sempre esconder a verdade divina deles, de que somos todos um... Fim de citação}.*

---

**Tradução, edição e imagens:** [Thoth3126@gmail.com](mailto:Thoth3126@gmail.com)

**Infelizmente, a maioria dos norte americanos nem sequer para e reflete sobre quem os está alimentando com as horas intermináveis de notícias manipuladas e (um monte de baboseiras) entretenimento que eles engolem diariamente (enquanto consomem quilos e litros de porcarias à frente da TV).**

**Fonte:** <http://theeconomiccollapseblog.com>

A maioria dos americanos (**e da população mundial**) não parece realmente se preocupar com quem detém o controle dos seus meios de comunicação. Mas deveriam. A verdade é que cada um de nós está **profundamente** influenciado pelas mensagens que estão constantemente sendo trituradas em nossas cabeças pela mídia. O americano médio **assiste há 153 horas de televisão por mês (6,375 dias ou 21,25% do mês inteiro).**



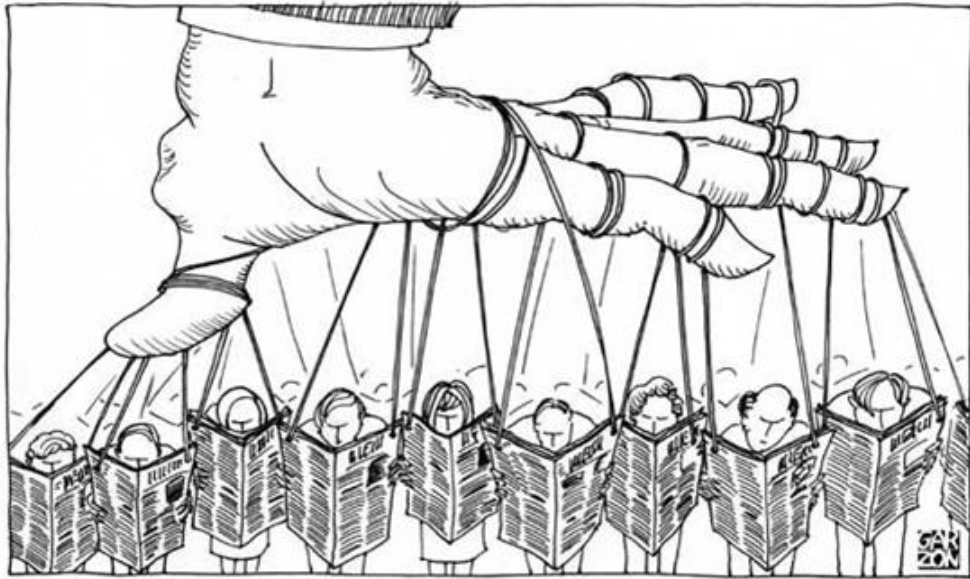
Na verdade, a maioria dos americanos começam a se sentir fisicamente desconfortável se ficar muito tempo sem ver ou ouvir alguma coisa na TV. Infelizmente, a maioria dos americanos se tornou absolutamente viciado em notícias (induzidas) e shows de entretenimento (pura baboseira) e a propriedade de todas as notícias e a produção de entretenimento que desejamos está ficando concentrada nas mãos de cada vez menos pessoas a cada ano.

As seis empresas que coletivamente controlam a mídia dos EUA são hoje a **Time Warner, Walt Disney, Viacom, Rupert Murdoch, CBS Corporation e NBC Universal**. Juntas, as "**Big Six**" (Seis Grandes) redes de notícias absolutamente dominam o entretenimento nos Estados Unidos.

Mas até mesmo as áreas de mídia que o "Big Six" não controlam completamente estão se tornando cada vez mais concentradas. Por exemplo, a **Clear Channel** possui agora mais de **1.000 estações de rádio em todos os Estados Unidos**. Empresas como **Google, Yahoo, Facebook e Microsoft** estão cada vez mais dominando a Internet.

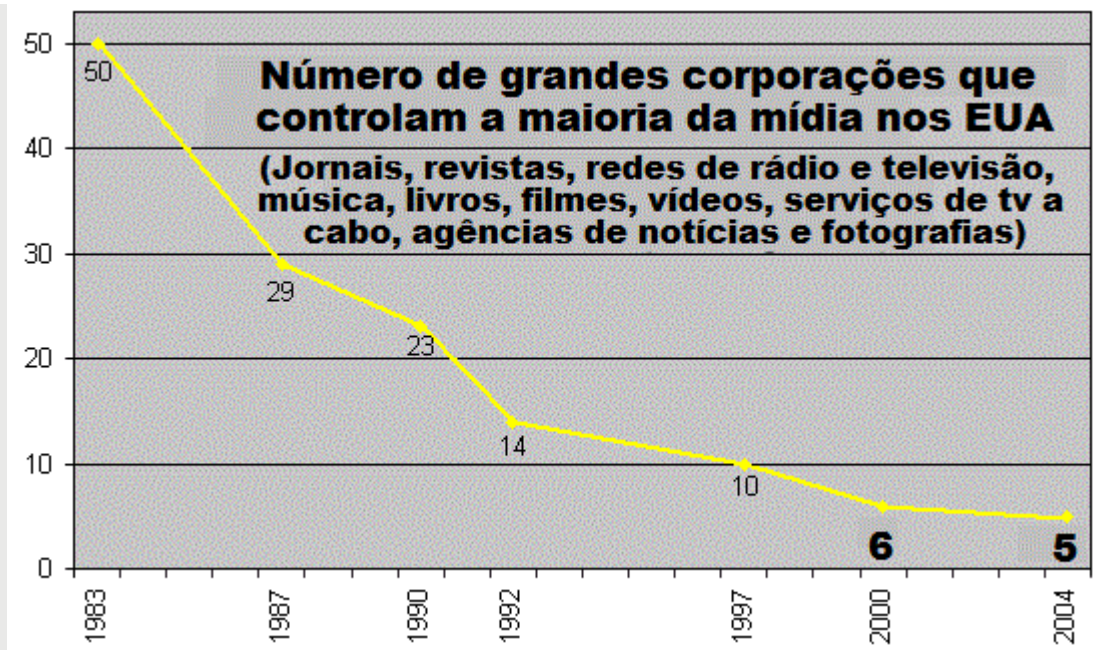
Mas é o "**Big Six**", que são as maiores preocupações. Quando você controla o que os americanos assistem, ouvem e leem você ganha um grande controle sobre o que eles pensam e sobre as suas vidas. Eles não chamam isso de "programação" para nada. Em 1983 já era ruim o suficiente para que cerca de 50 empresas dominassem a mídia dos EUA. Mas desde aquela época, o poder do controle sobre a mídia tornou-se rapidamente concentrado nas mãos de cada vez menos pessoas....





*“Em 1983, cinquenta corporações dominavam a maior parte de todos os meios de comunicação de massa e a maior concentração de mídia na história foi um negócio de US\$ 340 milhões. ... Já em 1987, essas cinquenta empresas ficaram reduzidas a 29. ... Em 1990, as 29 empresas se reduziram para 23. ... Em 1997, as maiores empresas eram apenas em número de dez e envolveu cifra de US\$ 19 bilhões de dólares do acordo de fusão **Disney-ABC**, no momento em que havia a maior concentração de mídia até então. ... Mas em 2000 a corporação **AOL Time Warner** envolveu US\$ 350 bilhões de dólares resultante da fusão que foi de mais de 1.000 vezes maior do que o maior negócio do ramo feito em 1983” – **Extraído do livro de Ben H. Bagdikian, “O Monopólio da Mídia”, Sexta Edição, (Beacon Press, 2000), páginas 20 e 21.***

Hoje, apenas seis colossais torres gigantes de mídia detêm todo o resto. Grande parte das informações no quadro abaixo vem via [mediaowners.com](http://mediaowners.com). O gráfico abaixo revela apenas uma pequena fração dos meios de comunicação que estes seis gigantes realmente possuem ....



O número de empresas de comunicação que controlam a maioria das empresas de mídia dos EUA hoje é de apenas CINCO grupos.

### Time Warner

Home Box Office (HBO), Time Inc., Turner Broadcasting System Inc., Warner Bros Entertainment Inc., CW Network (propriedade parcial), New Line Cinema, Time Warner Cable, Cinemax, Cartoon Network, TBS, TNT, America Online, MapQuest, Moviefone, Marie Clare, Castle Rock, Sports Illustrated, TMZ Fortune, a revista People

### Walt Disney

ABC Television Network, Disney Publishing, ESPN Inc., Disney Channel, SOAPnet, A & E, LIFE, Buena Vista Home Entertainment, Buena Vista Theatrical Productions, Buena Vista Records, Disney Records, Hollywood Records, Miramax Films, Touchstone Pictures, Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios, Buena Vista Games, Hyperion Books.



**Um antigo e estranho, mas nada sutil anúncio do refrigerante 7up, usando a fofura dos bebês para vender refrigerante !!!**

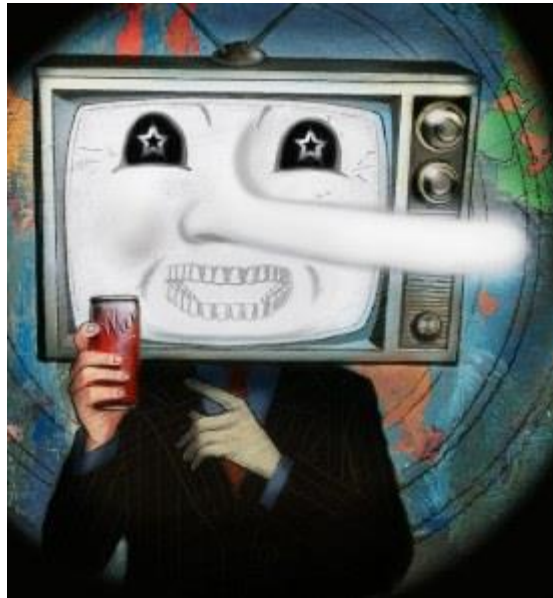
### Viacom

Paramount Pictures, Paramount Home Entertainment, Black Entertainment Television (BET), Comedy Central, Television Country Music (CMT), Logo, MTV, MTV Canadá, MTV2, Nick Revista, Nick at Nite, Nick Jr., Nickelodeon, Noggin, Spike TV, The Movie Channel, TV Land e VH1.

### News Corporation

Dow Jones & Company, Inc., FOX REDE de televisão, The New York Post, FOX Searchlight Pictures, Beliefnet, FOX Business Network, FOX Kids Europe, FOX News Channel, FOX Sports Net, FOX Television Network, FX, My Network TV, MySpace, News Limited Notícias, Phoenix InfoNews Canal, Phoenix Filmes Canal, Sky PerfecTV, Velocidade Canal, STAR TV Índia, STAR TV Taiwan, Star World, Times Higher Education Supplement Revista, Tempos revista literária do Suplemento, Times de Londres, 20th Century Fox Home Entertainment, 20th Century Fox International, 20th Century Fox Studios, 20th Century Fox Television, BskyB, DIRECTV, The Wall Street Journal, FOX Broadcasting Company, FOX, Interactive Media, FOXTEL, HarperCollins Publishers, O National Geographic Channel, National

Rugby League, Notícias Interativo, Notícias exterior, Radio Veronica, ReganBooks, Sky Italia, Sky Radio Dinamarca, Sky Radio Alemanha, Sky Radio Holanda, ESTRELA Zondervan



**CBS Corporation**

CBS News  
 CBS Sports Network  
 CBS Television  
 CNET  
 Showtime  
 TV.com  
 CBS Radio Inc. (130 estações)  
 CBS Consumer Products  
 CBS Outdoor  
 CW Network (50% de participação)  
 Infinity Broadcasting  
 Simon & Schuster (Pocket Books, Scribner)  
 Westwood Rede Radio One

**NBC Universal**

Bravo, CNBC, NBC News, MSNBC, NBC Sports, Rede televisão NBC, Oxigen, SciFi Revista, SyFy (Sci Fi Channel), Telemundo, EUA Network, Weather Channel, Focus Features, NBC Universal Television Distribution, NBC Universal Television Studio, Paxson

Communications (apropriação parcial), Trio, Universal Parks & Resorts, Universal Pictures, Universal Home Studio vídeo.

Estas gigantescas corporações de mídia não existem objetivamente para dizer a verdade ao povo americano (ou para qualquer outro povo). Pelo contrário, o objetivo principal de sua existência é para ganhar dinheiro e controlar e manipular a mente das massas.

Estas corporações gigantescas de mídia não vão fazer nada para ameaçar os seus relacionamentos com os seus maiores anunciantes (também grande corporações como as maiores empresas farmacêuticas que literalmente gastam bilhões em publicidade, para vender veneno) e de uma forma ou outra dessas corporações gigantes de mídia estão sempre indo expressar os pontos de vista ideológicos dos seus proprietários **(ou de quem os controla)**.



Felizmente, um número crescente de norte americanos está começando a acordar e estão percebendo que a grande mídia não deve ser nada confiável.

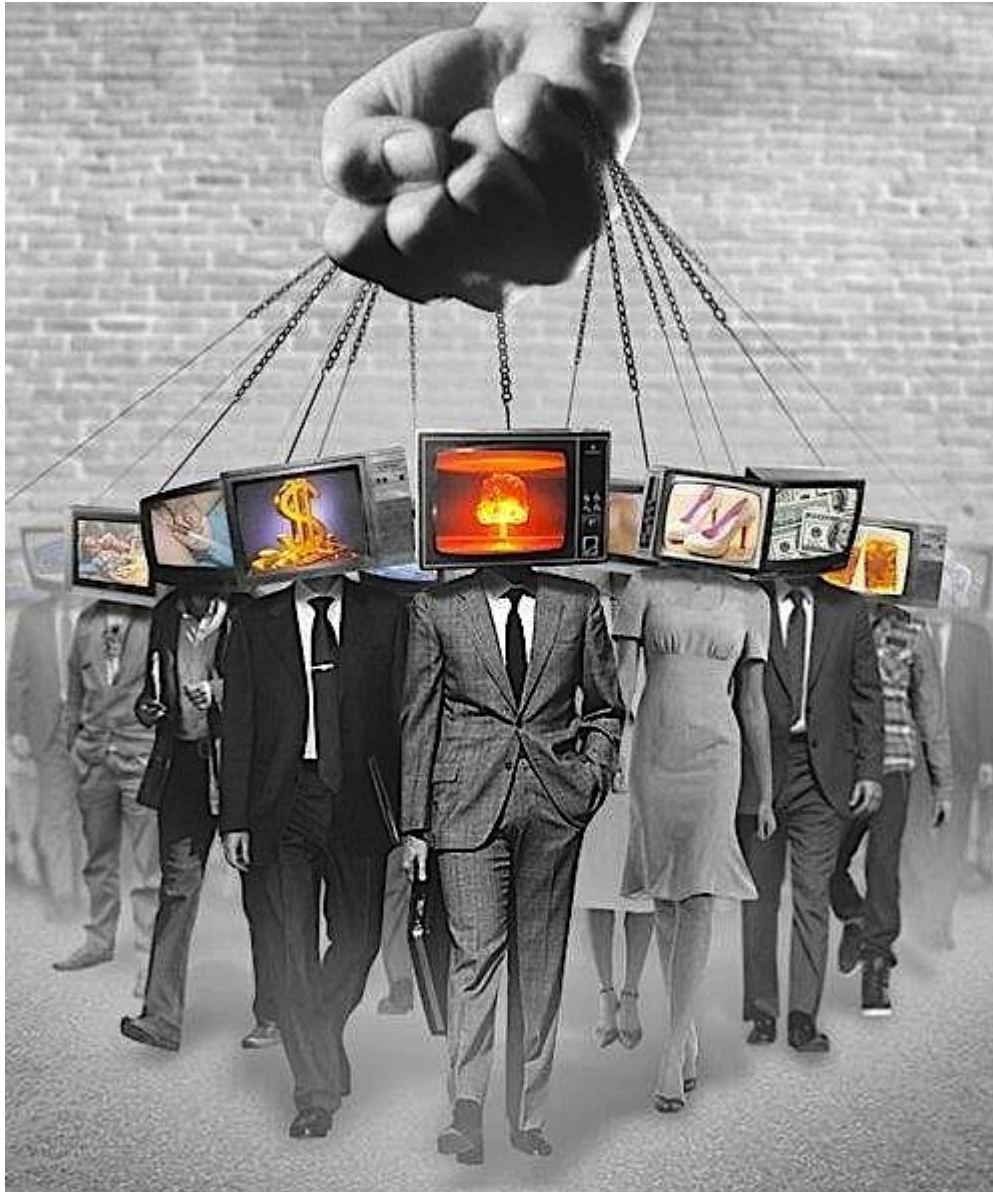
**De acordo com uma nova pesquisa que acaba de ser lançado pelo Instituto Gallup**, o número de americanos que têm ainda alguma confiança na mídia impressa (57 %) está em uma acentuada queda nunca vista antes em todos os tempos.

**Veja mais nos links:**

1. <http://thoth3126.com.br/a-humanidade-esta-em-transe-induzido-pela-midia-controlada/>
2. <http://thoth3126.com.br/numero-de-leitores-de-jornais-esta-em-colapso-nos-eua/>

Essa é uma razão pela qual vemos **as mídias alternativas apresentarem um crescimento tão rápido** ao longo dos últimos anos. Os principais e tradicionais meios de comunicação tem vindo a perder credibilidade a um ritmo vertiginoso, e os americanos estão começando a procurar outro lugar para ver a verdade sobre o que realmente está acontecendo.

Você acha que alguém no fluxo de notícias normal vai realmente lhe dizer que a **Reserva Federal dos EUA é ruim para a América**, ou que estamos diante de uma terrível **bolha de derivativos (criada artificialmente em 2008)** no mercado financeiro que poderia destruir o sistema financeiro do mundo inteiro?



Você acha que alguém na grande mídia iria realmente lhe dizer a verdade sobre a **desindustrialização da América** ou a verdade sobre a **cobiça voraz do grupo Goldman Sachs** e de suas manipulações no mercado financeiro, ou que o mercado financeiro se transformou em um enorme Casino?

Claro que há alguns repórteres corajosos na grande mídia que conseguem escapar e trazer à luz algumas histórias do passado de seus patrões corporativos de vez em quando,

mas em geral há um entendimento muito claro de que há certas coisas que simplesmente não será dito ou permitido que você tome conhecimento, na principal corrente de notícias.

Mas os norte americanos estão se tornando cada vez mais esfomeados pela verdade, e eles estão se tornando cada vez mais insatisfeitos com a **idiotização e robotização** dos meios de comunicação e que eles estão publicando como “notícia difícil de aceitar” nos dias de hoje. Então o que você pensa sobre o estado dos principais meios de comunicação? Sinta-se livre para deixar um comentário com sua opinião em <http://theeconomiccollapseblog.com/>



A Marcha da Tirania: O sistema político nos EUA é o mais bem controlado e muito bem conduzido no sentido de implantar uma NWO-Nova Ordem Mundial.

**ABAIXO ALGUMAS DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS “FORMADORES, MANIPULADORES E CONTROLADORES DE OPINIÕES”, HÁBITOS, PENSAMENTOS E O COMPORTAMENTO COLETIVO, PERPETRADO POR AQUELES QUE CONTROLAM TODO O SISTEMA ATRAVÉS DO CONTROLE DO CONTEÚDO E PROGRAMAÇÃO DAQUILO QUE É PRODUZIDO E PUBLICADO PELOS GRANDES CONGLOMERADOS DE MÍDIA DO PLANETA:**

**1- A ESTRATÉGIA DA **DISTRAÇÃO**.**

O elemento primordial do controle social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e econômicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes. A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir ao público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da história humana, da economia, da psicologia, da política, da neurobiologia e da cibernética.

*“Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público ocupado, ocupado (com baboseiras), ocupado, sem nenhum tempo para pensar; de volta à granja/fazenda como os outros animais (citação do texto ‘Armas silenciosas para guerras tranquilas’)”.*

## **2- CRIAR PROBLEMAS, DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES.**

Este método também é chamado “problema-reação-solução”. Cria-se um problema, uma “situação” prevista para causar certa reação no público, a fim de que este seja o (aparente) mandante das medidas que se deseja fazer aceitar. Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja o mandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da sua própria liberdade. Ou também criar uma crise econômica para fazer aceitar como um mal necessário para combater a pseudo crise (criada artificialmente), com o retrocesso dos direitos sociais e o desmantelamento dos serviços públicos.

## **3- A ESTRATÉGIA DA GRADAÇÃO.**

Para fazer com que se aceite uma medida inaceitável, basta aplicá-la gradativamente, a conta-gotas, por anos consecutivos. É dessa maneira que condições socioeconômicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 e 1990: Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram ganhos decentes, tantas mudanças que haveriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.





#### 4- A ESTRATÉGIA DO DEFERIDO.

Outra maneira de se fazer aceitar uma decisão impopular é a de apresentá-la como sendo “dolorosa e necessária”, obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Em seguida, porque o público, a massa (bovina), tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que “tudo irá melhorar amanhã” e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isto dá mais tempo ao público para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la com resignação quando chegar o momento.

#### 5- DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO SE FOSSEM CRIANÇAS DE BAIXA IDADE.

A maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discurso, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade mental, como se o espectador fosse um menino de baixa idade ou um deficiente mental (**o que é a realidade quando analisada do ponto de vista da CONSCIÊNCIA do indivíduo, a maioria da população TEM MENTALIDADE infantil**). Quanto mais se intenciona buscar enganar ao espectador, mais se busca a adoção de um tom infantilizante. Por quê? “Se você se dirige a uma pessoa como se ela tivesse a idade de 12 anos ou menos, então, em razão da sugestão, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade.

#### 6- UTILIZAR O ASPECTO EMOCIONAL (medo) MUITO MAIS DO QUE A REFLEXÃO MENTAL.

Fazer uso do aspecto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise racional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registro emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias manipuladas e preconcebidas, desejos, medos e temores, compulsões, ou para induzir comportamentos ...



#### **7- MANTER O PÚBLICO EM GERAL NA IGNORÂNCIA, MEDIOCRIDADE E IMBECILIDADE.**

Fazer com que o público seja incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para seu controle e sua própria escravidão. “A qualidade da educação dada às classes sociais deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores (ver ‘Armas silenciosas para guerras tranqüilas’)”

#### **8- ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE COM A MEDIOCRIDADE.**

Promover ao consciente de massa público para achar que é moda o fato de ser estúpido, vulgar, imbecil e inculto...(movimento punk, drogas ...)

#### **9- REFORÇAR A REVOLTA PELA AUTOCULPABILIDADE.**

Fazer o indivíduo acreditar que é somente ele o culpado pela sua própria desgraça, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades, ou de seus esforços. Assim, ao invés de rebelar-se contra o sistema econômico, o individuo se autodesvalida e se culpa, o que gera um estado depressivo do qual um dos seus efeitos é a inibição da sua ação. E, sem ação, não há revolução e MUDANÇA NO STATOS QUO CONTROLADO o que beneficia os manipuladores e controladores do sistema!

## 10- CONHECER MELHOR OS INDIVÍDUOS DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM.

No transcorrer dos últimos 50 anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado crescente brecha entre os conhecimentos do público e aquelas possuídas e utilizadas pelas elites dominantes. Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o “sistema” tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto de forma física como psicologicamente. O sistema tem conseguido conhecer melhor o indivíduo comum do que ele mesmo conhece a si mesmo.

**Isto significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior, tenaz e um grande poder sobre a VONTADE dos indivíduos do que os indivíduos sabem sobre si mesmos. A massa imbecilizada e ignorante é controlada sem saber que isso acontece, devido às muitas sutilezas empregadas nos métodos de controle do consciente coletivo (A MAIORIA VIVE EM UMA PRISÃO SEM GRADES).**



Permitida a reprodução, desde que mantido no formato original e mencione as fontes.



[www.thoth3126.com.br](http://www.thoth3126.com.br)

## ANEXO B

Exma.Sra.DilmaVanaRousseff  
Presidenta da República Federativa do Brasil  
Excelentíssima Senhora Presidenta:

Em uma recente reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, a senhora afirmou, oportunamente, que a fantasia não tem lugar nas discussões sobre um novo paradigma de crescimento – do qual a Humanidade necessita, de fato, para proporcionar a extensão dos benefícios do conhecimento a todas as sociedades do planeta. Com igual propriedade, a senhora assinalou, também, que o debate sobre o desenvolvimento sustentado precisa ser pautado pelo direito dos povos ao progresso, com o devido fundamento científico.

Assim sendo, permita-nos complementar tais formulações, observando que as discussões sobre o tema central da agenda ambiental, as mudanças climáticas, têm sido pautadas, predominantemente, por motivações ideológicas, políticas, econômicas e acadêmicas restritas. Isto as têm afastado, não apenas dos princípios basilares da prática científica, como também dos interesses maiores das sociedades de todo o mundo, inclusive a brasileira. Por isso, apresentamos-lhe as considerações a seguir.

### **1) Não há evidências físicas da influência humana no clima global:**

A despeito de todo o sensacionalismo a respeito, não existe qualquer evidência física observada no mundo real, que permita demonstrar que as mudanças climáticas globais, ocorridas desde a Revolução Industrial do século XVIII, sejam anômalas em relação às ocorridas anteriormente, no passado histórico e geológico – anomalias que, se ocorressem, caracterizariam a influência humana.

Todos os prognósticos que indicam elevações exageradas das temperaturas e dos níveis do mar, nas décadas vindouras, além de outros efeitos negativos atribuídos ao lançamento de compostos de carbono de origem humana (antropogênicos) na atmosfera, baseiam-se em projeções de modelos matemáticos, que constituem apenas simplificações limitadas do sistema climático – e, portanto, não deveriam ser usados para fundamentar políticas públicas e estratégias de longo alcance e com grandes impactos socioeconômicos de âmbito global.

A influência humana no clima restringe-se às cidades e seus entornos, em situações específicas de calmarias, sendo esses efeitos bastante conhecidos, mas sem influência em escala planetária. Para que a ação humana no clima global ficasse demonstrada, seria preciso que, nos últimos dois séculos, estivessem ocorrendo níveis inusitadamente altos de temperaturas e níveis do mar e, principalmente, que as suas taxas de variação (gradientes) fossem superiores às verificadas anteriormente.

O relatório de 2007 do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) registra que, no período 1850-2000, a temperatura média global aumentou 0,74°C, e que, entre 1870 e 2000, os níveis do mar subiram 0,2 m.

Ora, ao longo do Holoceno, a época geológica correspondente aos últimos 12.000 anos em que a Civilização tem existido, houve diversos períodos com temperaturas mais altas

que as atuais. No Holoceno Médio, há 6.000-8.000 anos, as temperaturas médias chegaram a ser 2°C a 3°C superiores às atuais, enquanto os níveis do mar atingiram até 3 metros acima do atual. Igualmente, nos períodos quentes conhecidos como Minoano (1500-1200 a.C.), Romano (séc. VI a.C.-V d.C.) e Medieval (séc. X-XIII d.C.), as temperaturas foram mais de 1°C superiores às atuais.

Quanto às taxas de variação desses indicadores, não se observa qualquer aceleração anormal delas nos últimos dois séculos. Ao contrário, nos últimos 20.000 anos, desde o início do degelo da última glaciação, houve períodos em que os gradientes das temperaturas e dos níveis do mar chegaram a ser uma ordem de grandeza superiores aos verificados desde o século XIX.

Entre 12.900 e 11.600 anos atrás, no período frio denominado Dryas Recente, as temperaturas caíram cerca de 8°C em menos de 50 anos e, ao término dele, voltaram a subir na mesma proporção, em pouco mais de meio século.

Quanto ao nível do mar, ele subiu cerca de 120 metros, entre 18.000 e 6.000 anos atrás, o que equivale a uma taxa média de 1 metro por século, suficientemente rápida para impactar visualmente as gerações sucessivas das populações que habitavam as margens continentais. No período entre 14.650 e 14.300 anos atrás, a elevação foi ainda mais acelerada, atingindo cerca de 14 metros em apenas 350 anos – média de 4 metros por século.

Tais dados representam apenas uma ínfima fração das evidências proporcionadas por, literalmente, milhares de estudos realizados em todos os continentes, por cientistas de dezenas de países, devidamente publicados na literatura científica internacional. Desafortunadamente, é raro que algum destes estudos ganhe repercussão na mídia, quase sempre mais inclinada à promoção de um alarmismo sensacionalista e desorientador.

Por conseguinte, as variações observadas no período da industrialização se enquadram, com muita folga, dentro da faixa de oscilações naturais do clima e, portanto, não podem ser atribuídas ao uso dos combustíveis fósseis ou a qualquer outro tipo de atividade vinculada ao desenvolvimento humano.

## **2) A hipótese “antropogênica” é um desserviço à ciência:**

A boa prática científica pressupõe a busca permanente de uma convergência entre hipóteses e evidências. Como a hipótese do aquecimento global antropogênico (AGA) não se fundamenta em evidências físicas observadas, a insistência na sua preservação representa um grande desserviço à Ciência e à sua necessária colocação a serviço do progresso da Humanidade.

A História registra numerosos exemplos dos efeitos nefastos do atrelamento da Ciência a ideologias e outros interesses restritos. Nos países da antiga URSS, as Ciências Agrícolas e Biológicas ainda se ressentem das consequências do atraso de décadas provocado pela sua subordinação aos ditames e à truculência de Trofim D. Lysenko, apoiado pelo ditador Josef Stálin e seus sucessores imediatos, que rejeitava a Genética, mesmo diante dos avanços obtidos por cientistas de todo o mundo, inclusive na própria URSS, por considerá-la uma “ciência burguesa e antirrevolucionária”. O empenho na imposição do AGA, sem as devidas evidências, equivale a uma versão atual do “lysenkoísmo”, que tem custado caro à Humanidade, em recursos humanos, técnicos e econômicos desperdiçados com um problema

inexistente.

Ademais, ao conferir ao dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e outros gases produzidos pelas atividades humanas o papel de principais protagonistas da dinâmica climática, a hipótese do AGA simplifica e distorce um processo extremamente complexo, no qual interagem fatores astrofísicos, atmosféricos, oceânicos, geológicos, geomorfológicos e biológicos, que a Ciência apenas começa a entender em sua abrangência.

Um exemplo dos riscos dessa simplificação é a possibilidade real de que o período até a década de 2030 experimente um considerável resfriamento, em vez de aquecimento, devido ao efeito combinado de um período de baixa atividade solar e de uma fase de resfriamento do oceano Pacífico (Oscilação Decadal do Pacífico-ODP), em um cenário semelhante ao verificado entre 1947 e 1976. Vale observar que, naquele intervalo, o Brasil experimentou uma redução de 10-30% nas chuvas, o que acarretou problemas de abastecimento de água e geração elétrica, além de um aumento das geadas fortes, que muito contribuíram para erradicar o café no Paraná. Se tais condições se repetirem, o País poderá ter sérios problemas, inclusive, nas áreas de expansão da fronteira agrícola das regiões Centro-Oeste e Norte e na geração hidrelétrica (particularmente, considerando a proliferação de reservatórios “a fio d’água”, impostos pelas restrições ambientais).

A propósito, o decantado limite de 2°C para a elevação das temperaturas, que, supostamente, não poderia ser superado e tem justificado todas as restrições propostas para os combustíveis fósseis, em âmbito internacional, também não tem qualquer base científica: trata-se de uma criação “política” do físico Hans-Joachim Schellnhuber, assessor científico do governo alemão, como admitido por ele próprio, em uma entrevista à revista *Der Spiegel* (17/10/2010).

### **3) O alarmismo climático é contraproducente:**

As mudanças constituem o estado permanente do sistema climático – pelo que a expressão “mudanças climáticas” chega a ser redundante. Por isso, o alarmismo que tem caracterizado as discussões sobre o tema é extremamente prejudicial à atitude correta necessária diante dos fenômenos climáticos, que deve ser orientada pelo bom senso e pelo conceito de *resiliência*, em lugar de submeter as sociedades a restrições tecnológicas e econômicas absolutamente desnecessárias.

No caso, resiliência significa a flexibilidade das condições físicas de sobrevivência e funcionamento das sociedades, além da capacidade de resposta às emergências, permitindo-lhes reduzir a sua vulnerabilidade às oscilações climáticas e outros fenômenos naturais potencialmente perigosos. Tais requisitos incluem, por exemplo, a redundância de fontes alimentícias (inclusive a disponibilidade de sementes geneticamente modificadas para todas as condições climáticas), capacidade de armazenamento de alimentos, infraestrutura de transportes, energia e comunicações e outros fatores.

Portanto, o caminho mais racional e eficiente para aumentar a resiliência da Humanidade, diante das mudanças climáticas inevitáveis, é a elevação geral dos seus níveis de desenvolvimento e progresso aos patamares permitidos pela Ciência e pela Tecnologia modernas.

Além disso, o alarmismo desvia as atenções das emergências e prioridades reais. Um exemplo é a indisponibilidade de sistemas de saneamento básico para mais da metade da população mundial, cujas consequências constituem, de longe, o principal problema ambiental

do planeta. Outro é a falta de acesso à eletricidade, que atinge mais de 1,5 bilhão de pessoas, principalmente na Ásia, África e América Latina.

No Brasil, sem mencionar o déficit de saneamento, grande parte dos recursos que têm sido alocados a programas vinculados às mudanças climáticas, segundo o enfoque da redução das emissões de carbono, teria uma destinação mais útil à sociedade se fosse empregada na correção de deficiências reais, como: a falta de um satélite meteorológico próprio (de que dispõem países como a China e a Índia); a ampliação e melhor distribuição territorial da rede de estações meteorológicas, inferior aos padrões recomendados pela Organização Meteorológica Mundial, para um território com as dimensões do brasileiro; o aumento do número de radares meteorológicos e a sua interligação aos sistemas de defesa civil; a consolidação de uma base nacional de dados climatológicos, agrupando os dados de todas as estações meteorológicas do País, boa parte dos quais sequer foi digitalizada; e numerosas outras.

#### **4) A “descarbonização” da economia é desnecessária e economicamente deletéria:**

Uma vez que as emissões antropogênicas de carbono não provocam impactos verificáveis no clima global, toda a agenda da “descarbonização” da economia, ou “economia de baixo carbono”, se torna desnecessária e contraproducente – sendo, na verdade, uma pseudo-solução para um problema inexistente. A insistência na sua preservação, por força da inércia do status quo, não implicará em qualquer efeito sobre o clima, mas tenderá a aprofundar os seus numerosos impactos negativos.

O principal deles é o encarecimento desnecessário das tarifas de energia e de uma série de atividades econômicas, em razão de: a) os pesados subsídios concedidos à exploração de fontes energéticas de baixa eficiência, como a eólica e solar – ademais, inaptas para a geração elétrica de base (e já em retração na União Europeia, que investiu fortemente nelas); b) a imposição de cotas e taxas vinculadas às emissões de carbono, como fizeram a União Europeia, para viabilizar o seu mercado de créditos de carbono, e a Austrália, sob grande rejeição popular; c) a imposição de medidas de captura e sequestro de carbono (CCS) a várias atividades.

Os principais beneficiários de tais medidas têm sido os fornecedores de equipamentos e serviços de CCS e os participantes dos intrinsecamente inúteis mercados de carbono, que não têm qualquer fundamento econômico real e se sustentam tão-somente em uma demanda artificial criada sobre uma necessidade inexistente. Vale acrescentar que tais mercados têm se prestado a toda sorte de atividades fraudulentas, inclusive no Brasil, onde autoridades federais investigam contratos de carbono ilegais envolvendo tribos indígenas, na Amazônia, e a criação irregular de áreas de proteção ambiental para tais finalidades escusas, no estado de São Paulo.

#### **5) É preciso uma guinada para o futuro:**

Pela primeira vez na História, a Humanidade detém um acervo de conhecimentos e recursos físicos, técnicos e humanos, para prover a virtual totalidade das necessidades materiais de uma população ainda maior que a atual. Esta perspectiva viabiliza a possibilidade de se universalizar – de uma forma inteiramente sustentável – os níveis gerais de bem-estar usufruídos pelos países mais avançados, em termos de infraestrutura de água, saneamento,

energia, transportes, comunicações, serviços de saúde e educação e outras conquistas da vida civilizada moderna. Apesar dos falaciosos argumentos contrários a tal perspectiva, os principais obstáculos à sua concretização, em menos de duas gerações, são mentais e políticos, e não físicos e ambientais.

Para tanto, o alarmismo ambientalista, em geral, e climático, em particular, terá que ser apeado do seu atual pedestal de privilégios imerecidos e substituído por uma estratégia que privilegie os princípios científicos, o bem comum e o bom senso.

A conferência Rio+20 poderá ser uma oportuna plataforma para essa necessária reorientação.

Kenitiro Suguio

Geólogo, Doutor em Geologia

Professor Emérito do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (USP)

Membro titular da Academia Brasileira de Ciências

Luiz Carlos Baldicero Molion

Físico, Doutor em Meteorologia e Pós-doutor em Hidrologia de Florestas

Pesquisador Sênior (aposentado) do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)

Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Fernando de Mello Gomide

Físico, Professor Titular (aposentado) do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA)

Co-autor do livro *Philosophy of Science: Brief History* (Amazon Books, 2010, com Marcelo Samuel Berman)

José Bueno Conti

Geógrafo, Doutor em Geografia Física e Livre-docente em Climatologia



Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP)  
Autor do livro *Clima e meio ambiente* (Atual, 2011)

José Carlos Parente de Oliveira

Físico, Doutor em Física e Pós-doutor em Física da Atmosfera

Professor Associado (aposentado) da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Francisco Arthur Silva Vecchia

Engenheiro de Produção, Mestre em Arquitetura e Doutor em Geografia

Professor Associado do Departamento de Hidráulica e Saneamento da Escola de Engenharia de São Carlos–USP

Diretor do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada (CRHEA)

Ricardo Augusto Felício

Meteorologista, Mestre e Doutor em Climatologia

Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP)

Antonio Jaschke Machado

Meteorologista, Mestre e Doutor em Climatologia

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

João Wagner Alencar Castro

Geólogo, Mestre em Sedimentologia e Doutor em Geomorfologia

Professor Adjunto do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Chefe do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ

Helena Polivanov

Geóloga, Mestre em Geologia de Engenharia e Doutora em Geologia de Engenharia e Ambiental

Professora Associada do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Gustavo Macedo de Mello Baptista

Geógrafo, Mestre em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos e Doutor em Geologia

Professor Adjunto do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília (UnB)

Autor do livro *Aquecimento Global: ciência ou religião?* (Hinterlândia, 2009)

Paulo Cesar Soares

Geólogo, Doutor em Ciências Geológicas e Livre-docente em Estratigrafia

Professor Titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Gildo Magalhães dos Santos Filho

Engenheiro eletrônico, Doutor em História Social e Livre-docente em História da Ciência e Tecnologia

Professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP)

Paulo Cesar Martins Pereira de Azevedo Branco

Geólogo, Pesquisador em Geociências do Serviço Geológico do Brasil – CPRM

Daniela de Souza Onça

Geógrafa, Mestra e Doutora em Climatologia

Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Marcos José de Oliveira  
Engenheiro Ambiental, Mestre em Engenharia Ambiental e Climatologia Aplicada  
Doutorando em Geociências Aplicadas na Universidade de Brasília (UnB)

Geraldo Luís Saraiva Lino

Geólogo, coeditor do sítio Alerta em Rede

Autor do livro *A fraude do aquecimento global: como um fenômeno natural foi convertido numa falsa emergência mundial* (Capax Dei, 2009)